

Corpo Território:

Experiências de Dança em Comunidades
Quilombolas e Possibilidades Formativas Continuadas

CANDAI CALMON



2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM DANÇA

PRODAN

Candai Calmon



**CorpoTerritório: Experiências de Dança em Comunidades Quilombolas e
Possibilidades Formativos Continuadas**

**Salvador
2021**

Candai Calmon

**CorpoTerritório:
Experiências de Dança em Comunidades Quilombolas e Possibilidades
Formativos Continuadas**

Trabalho de Conclusão de Mestrado Profissional apresentado ao Programa de PósGraduação em Dança - da Universidade Federal da Bahia como requisito final para a obtenção do grau de Mestra em Dança.

Orientação: Profa. Dra. Márcia Mignac

**Salvador
2021**

CANDAI CALMON

**CorpoTerritório:
Experiências de Dança em Comunidades Quilombolas e Possibilidades
Formativos Continuadas**

Trabalho de Conclusão de Mestrado Profissional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia como requisito final para obtenção do grau de Mestra em Dança.

Salvador, 2021.

Banca Examinadora

Márcia Virgínia Mignac da Silva - Orientadora _____
Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Professora Adjunta da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia

Rosângela Janja Costa Araujo _____
Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo, Brasil. Professora no PPGNEIM da Universidade Federal da Bahia.

Fernando Marques Camargo Ferraz _____
Doutorado em Artes pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil. Professor permanente Mestrado Profissional PRODAN da Universidade Federal da Bahia

A GRADECIMENTOS

À Oyà pela oportunidade de viver esta experiência do agora.

À Madre Ayahuasca por ser luz em minha consciência, por fazer do meu corpo germinação de memória e presença.

À minha mãe Dina Lopes, meu pai Vasco Zugno Aguzzoli e a minha companheira Rebeca Thaís por serem meus alicerces.

À minha comunidade de terreiro Axé Abassá de Ogum, nas pessoas das minhas Yás, Babás e irmãos/os.

Ao quilombo Lages do Negros e seus povoados Alagadiço, Pacuí, Bebedouro e Patos por me darem licença. À Hilda Araújo, D. Tonha, D. Elenita, D. Benedita, D. Creuza, Galega, Daiane, Rosely, Alex por me receberem e articularem a comunidade para o nosso Dançar.

À orientadora Márcia Mignac por esta construção conjunta. Com a força dos rios de Oyá e Yemonjá damos sentindo a esta escrita que é o transbordar das potências de muitas mulheres.

À Ney Lima pela amizade, carinho e contribuição com este trabalho.

À primeira turma do Mestrado Profissional PRODAN com nossas alegrias e partilhas e a todas/os professoras/es vinculadas ao programa. À Beth Rangel e Fernando Ferraz pelos apoios além da docência.

À todas as mulheres negras em território de diáspora, que com seus corpos-vida dão sentidos às sementes das nossas Ancestralidades.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
1 ESCRIMOVÊNCIAS: PRÁTICAS DO SENSÍVEL E ESCAVAÇÕES ARTÍSTICAS COM MULHERES NEGRAS EM TERRITÓRIO DE QUILOMBO	10
1.1 ESCRITAS INICIAIS	11
1.2 DANÇA QUE SE RE-VESTE NO CORPO DE MULHERES NEGRAS	17
1.3 QUILOMBO LAGES DOS NEGROS: COMUNAS QUE PLANTAM REZAM E DANÇAM	22
1.4 O REISADO	23
1.5 CONSTRUÇÃO CONJUNTAS: PRÁTICAS DO SENSÍVEL	26
1.6 LIMPAR, SENTIR, TOCAR, MOVER, ESCREVER: PRÁTICAS DO SENSÍVEL.....	31
1.6.1 LIMPAR.....	32
1.6.2 SENTIR	35
1.6.3 TOCAR	38
1.6.4 MOVER	42
1.6.5 ESCREVER	46
1.7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
1.8 REFERÊNCIAS	52
2. ARTIGO: CORPAS DA TERRA, CORPAS INTUITIVAS: NOTAS SOBRE FAZERES EM DANÇA JUNTO ÀS MULHERES QUILOMBOLAS	55
3. MEMORIAL	70
4. APÊNDICE	93
5. ANEXOS	100



este trabalho é constituído de viagens

idas e voltas

a lugares um pouco distantes daqui

para lê-lo convido-as/os a se dar um momento e realizar

profundas respirações

e neste movimento de trazer o ar para dentro do seu corpo

convido você a transitar comigo o modo fazer de dança construídos

por e para mulheres quilombolas



há tanta terra por aqui e o vento que

nos sopra vem de longe

as cores estão fundidas

as memórias, em plena dança

A PRESENTAÇÃO

Este é um Trabalho de Conclusão do Mestrado Profissional, intitulado *CorpoTerritório: Experiências de Dança em Comunidades Quilombolas e Possibilidades Formativas Continuadas*, entendido como a culminância da minha trajetória do Mestrado Profissional em Dança (PRODAN/UFBA), iniciada em 2019. O referido trabalho é constituído de três produções distintas, conforme o Regimento Interno do Programa: 1) Produto coerente com a Linha de Pesquisa escolhida – “Procedimentos Metodológicos: Práticas do Sensível e Escavações Artísticas com Mulheres Negras em Território de Quilombo”; 2) Texto Escrito, que aqui se configura com o Artigo e 3) Memorial referente à pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional. Neles constam reflexões sobre o fazer-ser Dança do Projeto CorpoTerritório, objeto principal desta pesquisa, tal como os sujeitos que contribuíram para o seu florescimento: as mulheres negras de territórios quilombolas, urbanos e rurais.

Sou Candai Calmon, Omorixá, mulher negra, quilombola urbana, nascida e criada em Salvador/Bahia. Filha de Dina Lopes e Ivan Bispo dos Santos. Neta de Adalgisa da Silva, Vivaldo Lopes Calmon, Célia Dias da Conceição e Eliezer Bispo dos Santos. Sobrinha da matriarca Júlia Cavadas. Sou profissional da dança, bailarina, performer e educadora. Trabalho no seguimento da Dança e Educação há pelo menos 18 anos, uma trajetividade constituída por formações artísticas dentro e fora do Brasil, no campo dos estudos do “corpo discursivo” e dos “estados corporais” na Dança. Nesse sentido, sou formada em Dança pelas escolas técnicas Funceb (Salvador) e Casarrodante (Montevideo). Assim como a Graduação em Estudos de Gênero e Diversidade, com foco nos Feminismos (Bacharel/UFBA). Atualmente encontro-me mestranda do Mestrado Profissional em Dança, vinculada a Linha de Pesquisa “Processos Pedagógicos, Mediações e Gestão Educacional em Dança” (PRODAN/UFBA).

Convido a todas/os/es a conhecerem esta trajetória que também foi acompanhada por professoras/es e colegas de turma em 2019, que como um corpo diverso, se

constituiu a 1ª turma do Mestrado Profissional da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia.



1. Escremovências:

Práticas do Sensível e Escavações Artísticas
com Mulheres Negras em Território de Quilombo

1.1 ESCRITAS INICIAIS

Este documento é uma sistematização das *escremovências*¹ de Dança CorpoTerritório e se constitui um dos produtos finais que integram o Trabalho de Conclusão de Curso do Mestrado Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia, PRODAN-UFBA. Surge no interior do projeto de pesquisa, em colaboração e orientação da profa. Márcia Mignac, como uma ação de cavar a terra para chegar ao que não se encontra na superfície. Para tanto foi preciso revisitar as oficinas de Dança CorpoTerritório desenvolvidas nas comunidades quilombolas rurais e urbanas, ao longo dos anos de 2018 e 2019, com o fim de organizar suas escremovências: Limpar, Sentir, Tocar, Mover, Escrever. O intuito é organizá-los para possibilidades artísticas e formativas continuadas, na criação/cultivo de processos e corporeidades em dança com mulheres negras em território de quilombo.

O meu interesse foi revisitar/escavar o Projeto CorpoTerritório, no decorrer destes dois anos de Mestrado Profissional PRODAN, como quem também escava os processos experimentais no interior da minha jornada como Omorixá, *artista*², pesquisadora e tantas outras camadas que me compõem. Foram em andanças por territórios de remanescentes, que o desejo de redirecionar o trabalho educativo se abriu desde um outro lugar: um lugar de trajetividades, como sugere Elionice Sacramento (2019, p. 18) ou das histórias e modo de vida de um povo, aqui, o povo quilombola, que atravessam minhas jornadas individuais, e aciona um campo profundo de uma busca e despertar pela minha ancestralidade.

É pelo percurso e trajetividade da minha vida com a dança que estou até aqui. Aproximo o meu fazer artístico/político junto a mulheres de territórios rurais. Com elas

¹ O termo “*Escremovência*” é um caminho pelo qual quero dizer que esta escrita é processo de movência, de dança, de corpo profundamente entrelaçado entre as oficinas CorpoTerritório e a experiência de pesquisa no Mestrado Profissional em Dança. Escremovência como escrita movente, memória do corpo que dançou e dança em território de quilombo. Um termo que tenho cunhado, inspirado na ideia de escrevivência de Conceição Evaristo para também dar nome aos processos de escrita em práticas de dança, no qual o dançar e escrever são continuidades do mover do corpo e seus fluxos.

² Artivismo é uma ideia ou uma proposição de linguagem em que se entrelaça a política do fazer/ser arte com a própria vida. É encontro da arte como enunciação política e da vida como construção política da arte (BARRETO; ROSA, 2015). Neste trabalho utilizo da ideia do artivismo para refletir as ações do meu trabalho no Projeto CorpoTerritório

dançamos a terra, dançamos os nossos percursos como mulheres negras, partilhamos do conhecimento comunitário. Ou como bem sugere o ativista quilombola Nêgo Bispo, no seu artigo *As Fronteiras entre o Saber Orgânico e o Saber Sintético* (2019, p 26) - no encontro com as comunidades e povos tradicionais saber beber dos saberes orgânicos e se enfeitiçar com as *transfluências*³ de suas experiências.

No processo de revisitar/escavar o Projeto CorpoTerritório e elaborar esse documento educativo, pretendi prioritariamente sistematizar tais metodologias como forma de dinamizá-las a um dispositivo acessível para multiplicação em Dança por mulheres negras. Entretanto, chamo atenção que o exercício de sistematização partiu do pressuposto que foi preciso adentrar/escavar o vivido e por isso está muito mais ligado aos ensinamentos da vida, do que o ato sistemático de organização.

A partir das possibilidades que foram sendo escavadas, outro produto se apresentou no decorrer da pesquisa, como mais uma camada pertencente a esta escremovência. Trata-se de uma compilação, a partir da feição de uma saia⁴, a “saia de saberes corpados”, em parceria com o artista e pesquisador Ney Lima.

A *saia dos saberes corpados* é uma longa saia, com diferentes camadas e materiais têxteis, das quais os verbos-ações Limpar, Sentir, Tocar Mover e Escrever estão representados. No exato momento desta escrita, está sendo construído a segunda versão do croqui da saia, pelo artista Ney Lima. Após esta fase, materializaremos com uma construção conjunta em que haja escritas, elementos de memória e símbolos presentes em todo o processo percorrido do projeto CorpoTerritório. Também este material é uma maneira de trazer pro símbolo-corpo os escritos desta escremovência, para dançá-las, dançá-las ao mundo. Dancei esta saia e corporeifiquei em um vídeo dança intitulado “escremovência: corpoescrita de quilombo. Acesse o vídeo que esta disponível na plataforma online do Vimeo.⁵

³ A transfluência, na perspectiva de Nêgo Bispo, é o romper com instituições colonialistas utilizando-se de estratégias e ferramentas de enfrentamento das comunidades quilombola e indígenas (2019,p.31). E “como confluímos dentro do Estado de direito?” (p.31) Para Bispo é nas alianças desses povos que haverá determinadas ações que irão favas comunidades frente aos interesses do Estado.

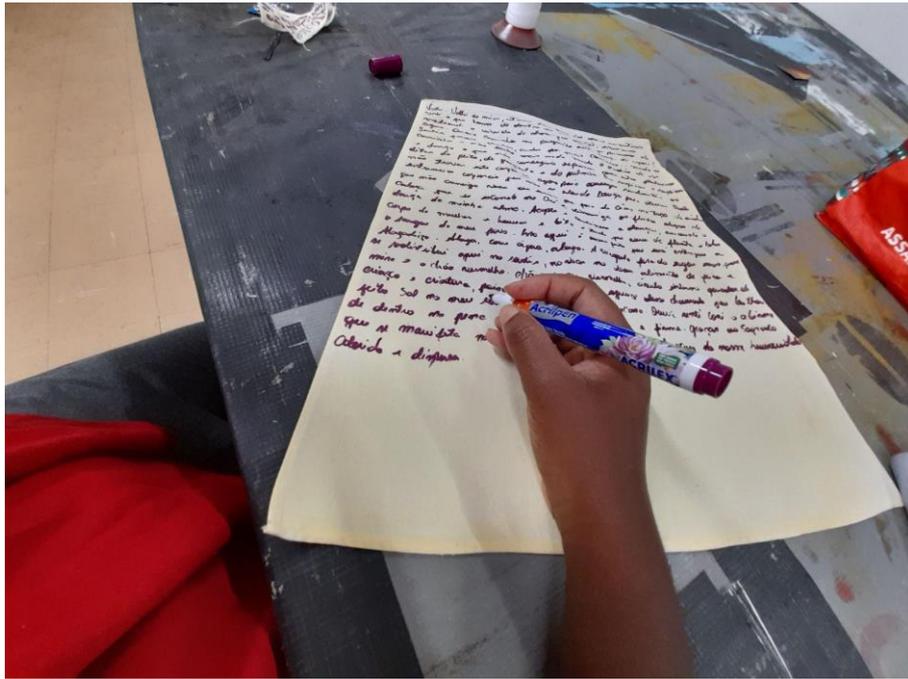
⁴ Para não afirmar a supremacia da escrita sobre qualquer outra forma de dar materialidade aos ensinamentos advindos da tradição oral, a sugestão de nomear a saia como “livro vestível” apontada no Exame de Qualificação, não foi mantida.

⁵ Link do vídeo: <https://vimeo.com/655370044>

**Construção da Saia dos Saberes Corpados com o artista Ney Lima. Salvador, 2021.
Arquivo Pessoal de Candai Calmon**







O objetivo que delinea a saia e seu desdobramento performático é romper com a supremacia do registro escrito e também afirmar que saberes advindos da tradição oral podem ser continuados e performados por muitas outras feitura. Como por exemplo, um adereço cênico, que guarda em si, o potencial de muitos ensinamentos.

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A Herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial sem sua semente. (BOKAR apud HAMPÂTÉ BÁ , 2010, p. 181)

Seguindo nessa cadeia de possibilidades, pretendo ainda fazer uma apresentação artística de finalização e integração de toda pesquisa realizada, com a “saia de saberes corpados”. Como também, almejo entregar a mesma na escola de ensino fundamental de Alagadiço, localizado no Quilombo Lages dos Negros/BA⁶.

Sobre a escrita aqui apresentada, considero que a *escrevivência* é o termo que representa o âmago deste documento, que entre outras nuances reflete a minha condição como mulher preta na luta antirracista e feminista. *Escrevivência* que no campo da literatura inaugura uma prática, cuja autoria é a intelectual e expoente da literatura contemporânea, Conceição Evaristo e que como posicionamento político, tem nos inspirado a atravessar nossas experiências de ser mulher negra em diáspora em nossos escritos (BEZERRA, ALMEIDA; 2019.). E possibilita, portanto, que a partir desse movimento político, vozes de mulheres negras sejam escoadas refletindo nossas identidades de agentes de fazer, reflexão de si e do mundo (p.10).

Neste sentido, o Projeto CorpoTerritório é essa voz que escoa e se manifesta das vivências em danças, de mulheres negras em territórios urbanos e rurais. E a escrita desse material é *escremovência que*, a partir do corpo e das práticas do sentir em dança que moveram reflexões e proposições não somente na vida dessas mulheres, como também nos próprios procedimentos metodológicos aqui revisitados.

Antes de conhecermos o cinco verbos-ações, objetos principais desta *escremovência*, convido cada leitor/a conhecer as intenções e inspirações que sustentam este projeto e viabiliza o seu trabalho desde 2018.

⁶ Alagadiço foi o primeiro povoado que abrigou o projeto CorpoTerritório. Com mulheres residentes da região pude compartilhar 3 dias de oficina, com importantes trocas de saberes. Esta experiência pra mim, foi um boas-vindas ao projeto que ainda era uma semente. A partir dessas experiências e das que sucederam houve importantes contribuições aos procedimentos do projeto, como a construção dos próprios 5 verbos ações: Limpar, Tocar, Sentir, Mover e Escrever - objeto desta pesquisa.

1.2 Dança que se re-veste no corpo de mulheres negras

Os modos, as feitura, o saber-fazer presentes no Projeto CorpoTerritório estão profundamente vinculados ao compromisso com a reparação histórica e política da vida das mulheres negras, tendo o corpo com viés de transformação e cura⁷. Esta dimensão de reparação e suas complexidades estão sendo convocadas e experienciadas ao longo da minha jornada como artista, assim como a cada caminho e encruzilhada que atravessam os três anos de existência do referido projeto. Nos trajetos e saberes destas mulheres, pelos quais se desaguam as preciosas experiências comunitárias dos quilombos e periferias, incluem também as experiências de gênero, raça e geração que demarcam estes corpos.

Sueli Carneiro em *Mulheres em Movimento* (2003) afirma que a condição de desigualdade e cristalização da subalternidade das mulheres negras no ocidente ao longo das histórias, trazem profundos desafios causados pelo racismo e sua eficiente performance. Principalmente porque a eficiência dessa performance, se refaz conforme os contornos sociais e políticos das sociedades e suas gerações (p.118). Dentre os prejuízos estruturais do racismo, dos quais são incessantemente apontados por ativistas negros/as, no interior do marco dos movimentos negros no mundo - e no que se diz especificamente ao entrelaçamento da desigualdade racial e de gênero, trazidos também pelo movimento do Feminismo Negro⁸ - está a própria destruição do corpo subjetivo das mulheres negras. Nesta destruição e subjugação das nossas corporeidades temos o sentido do fazer do Feminismo Negro como política e práxis a favor do bem viver e possibilidades de caminhos ressignificação das nossas experiência e enfrentamento à permanência do racismo enquanto estrutura fundante:

⁷ O Projeto CorpoTerritório tem adentrado a ideia de cura ou de transformação das nossas dores a partir da prática de corpo como território pulsante de memórias e caminhos de ressignificação. Sou o exemplo disso, porque no decorrer das oficinas CorpoTerritório em 2018, especificamente no bairro de Cajazeiras V, estava vivendo um processo agudo com crise de ansiedade e estresse emocional. Foi junto com essas mulheres, em cada encontro, em cada escuta ativa como facilitadora, em cada dançar conjunto que gastei o meu processo de cura. A cura aqui, portanto, não se encontra fora, no campo exterior, mas brota no mais profundo do nosso ser e corporeidades. O dançar entre mulheres, o olhar nos olhos, o respirar profundo e ser massageada, o escutar experiências que nos são semelhantes, podem ser poderosas pontes para os processos de cura das nossas dores.

⁸ Mulheres negras como Audre Lorde, Sueli Carneiro, Angela Davis, Patrícia Hill Collins, Nilma Lino Gomes, Vilma Reis, Janja Araújo, Carla akotirene, Djamilia Ribeiro, Grada Kilomba, bell hooks, Lélia Gonzalez etc. atuam (ou atuaram) como porta-vozes do movimento que chamamos de Feminismo Negro enquanto movimento atuante na luta antixista e antirascista.

Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com esses sujeitos assumam, a partir do lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular. Ou seja, grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso.

(CARNEIRO; 2003. p 119)

Entrelaçar, portanto, as experiências de raça e gênero no interior das nossas experiências de comunidade e corpo deverá ser um exercício e um compromisso ético político constante.

No campo da dança, de modo geral, se faz preciso atentar quais os corpos que têm espaço de existência e visibilidade. A fim de garantir a diversidade do existir, no qual o corpo da mulher negra tenha espaço de enunciação de suas experiências. Seja no campo da criação, interpretação em dança ou na docência, nos seus diferentes espaços de atuação, como nos espaços institucionais de arte ou não. Afinal o silenciamento e invisibilidade das nossas dores são resultados da incidência política do racismo e das políticas de branqueamento sobre os nossos corpos:

Esses são os efeitos da hegemonia da “branquitude” no imaginário social e nas relações sociais concretas. É uma violência invisível que contrai saldos negativos para a subjetividade das mulheres negras, resvalando na afetividade (...). Tal dimensão da violência racial e as particularidades que ela assume em relação às mulheres dos grupos raciais não-hegemônicos vem despertando análises cuidadosas e recriação de práticas que se mostram capazes de construir outros referenciais.

(CARNEIRO, p.122)

Para a construção de novos referenciais, especificamente no fazer-dançar será necessário o exercício contínuo de reelaboração e visibilização das contribuições que os corpos femininos negros incidem nas Artes, com sua diversidade e corporeidades para a luta antirracista. Desvelar o racismo como um problema prático e teórico, tensionar o lugar do “tema pontual e externo” que acometem o corpo/sentido de pessoas negras (KILOMBA, 2019. p.53) e confrontá-lo junto as experiências de gênero, geração, região, sexualidade. Fazer dos múltiplos espaços dança, um lugar

de comprometimento ético/político na construção e visibilização de referências antirascista produzido por mulheres negras.

No campo epistemológico e nos espaços institucionais de educação em Dança no Brasil temos tido esforços de artistas/pensadoras negras no projeto de elaboração de práticas que descortine a invisibilização da mulher negra, seus trajetos e especificidades (FALCÃO, 2015; CONRADO, CONCEIÇÃO, 2020; MARTINS, 2012; SANTOS, 2015; SILVA, 2017). Os esforços são grandes pois além das ausências na construção de referências vivemos desde um silenciamento ao reforço de estereótipo da mulher negra no lugar das danças afros e populares como um único destino, além das narrativas dor e da estética do sofrimento como linguagem comum.⁹

Nesse sentido para novos referenciais e pontos de partidas de construção de processos criativos em que nós mulheres negras estejamos na enunciação, exercendo com autonomia nossos processos e desejos - podemos trazer o campo do gesto como o que pode comunicar a totalidade do nosso corpo e as experiências que estão impressas nele. Ou seja, dançar a integridade de quem somos, trazer o gesto das nossas trajetórias, transpassá-las, visibilizá-las. Como compreende Luciane da Silva, em sua tese *Corpo em Diáspora* (2017.p26):

“[o] gesto como uma categoria que mobiliza a esfera do movimento e do corpo vivido. Além do corpo anatômico, há as relações que se estabelecem no corpo, em seus contextos e os universos de significado criados a partir de então. Sendo capaz de agir, de ter intenção e de ser atravessado pelas mais diferentes sensações, o gesto estabelece a concretude dessas relações e imbui o movimento de comunicação”.

Não por acaso, aqui, nesta escrevivência o "nós" estará sempre presente. Pois trago cada mulher preta que juntamente comigo construiu, desde suas trajetórias, este trabalho. Afinal, são mulheres que resgatam e manuseiam suas próprias territorialidades de si e do mundo. Corpos que traduzem no cotidiano “conhecimentos

⁹ Gabriela Souza da Rosa e Celina Alcântara no artigo “O corpo da Mulher Negra nas Artes Cênicas” publicado na revista ANDA (Associação de Pesquisadores em Dança do Brasil 2020) , trazem importantes contribuições sobre as representações das mulheres negras nas artes. Para as autoras diversos trabalhos, inclusive os autorais instituem uma redução do fazer artístico dos/as artistas ao lugar único relacionado às África-referencialidades e às negritudes. Aqui entendemos este lugar como legítimo na construção de saberes atualizados nas nossas histórias para o enfrentamento ao racismo e seus estigmas. Porém pensamos também no perigo dos estereótipos que cristalizam lugares, nesse contexto o lugar das mulheres negras, negando suas diversidades e complexidades nos modos de existir.

herdados da cadeia dos ancestrais” (HAMPÂTÉ BÂ , 2010, p. 180) e são presentes no canto, na dança, no gesto, na brincadeira, no trabalho. Presença essa que honra a herança ancestral no viver, justamente porque não é algo abstrato e isolado da vida. A esse respeito o escritor malinês Amadou Hampâté Bâ aponta que “a tradição africana não corta a vida em fatias” (2010, 175), para afirmar que os conhecimentos favorecem uma utilização prática.

Assim é na práxis da herança ancestral - o dançar à vida, que essas mulheres, nós, devolvemos ao cotidiano vivido narrativas de desejos, assim como sonhos e esperanças por um outro significado do seu próprio ser – existir no mundo. Por tanto, cada movimento expresso nesta dança do CorpoTerritório poderá ser entendido como a própria (e crua) retradução ou revestimento de saberes em diáspora, no qual os nossos corpos, corpos de mulheres negras se estabelecem como medicinas vivas de autocuidado e ressignificação.

Penso que na re-tradução dos saberes em diáspora, desde às perspectivas das danças de mulheres negras, são encontradas outros modos de viver que afirmam a existência do nosso corpo como instrumento vivo, de memória fértil, de potência geradora de mudanças frente aos constantes nãoos que este mundo colonial nos apresenta. Portanto é o corpo como portal de memória, ou como próprio continente e conteúdo de saberes ancestrais (MARTINS, 2002) onde reside diversas chaves para novos/outros modos de significações e trajetividades.

Nesse sentido, por entender que o mover em dança não se encontra apartada dos modos de viver, no Corpoterritório a dança se estabeleceu, como veremos, em um terreno fértil para o brotar dos sonhos e saberes que sustentam nossas existências. Dançar com os pés sobre o chão de terra, sermos guiadas pelo desejo de nos juntarmos, sentirmos medos e inseguranças, assim como estarmos abertas para vivermos o espaço/tempo do Ubuntu. O que fez dessa experiência, a experiência da escala da vida, onde todos os aspectos, fazeres e saberes se relacionem.

Pensar Ubuntu como princípio e dimensão africana de unicidade e entrelaçamentos (RAMOSE, 1999, p. 8), implica ampliar as leituras das coisas postas no mundo. Entender que o modo como o mundo é concebido como um “todo”, onde todas as coisas estão interligadas. Ou seja, a união de raízes, solo, ramos,

folhas, frutos que dão significado de existência a um corpo/árvore. E nesta árvore que aqui somos, evocamos memórias coletivas que residem no nosso corpo, como uma herança viva ancestral para as transformações necessárias do agora.

1.3 Quilombo Lages dos Negros: Comunas que plantam, rezam e dançam

Cheguei em 2018 no quilombo Lages dos Negros (BA) com a semente do projeto CorpoTerritório. Lages dos Negros se localiza no município de Campo Formoso/BA e faz divisa com os municípios baianos de Juazeiro, Umburanas e Sento-sé. Com uma população estimada de 20 mil habitantes, este remanescente quilombola é conhecido por grandes recursos naturais, com expressiva manifestação do cerrado e presença de cavernas, das quais dentre elas está a maior do Brasil e do Hemisfério Sul, a caverna da Toca Boa Vista. ¹⁰

Para adentrar o vivido no quilombo Lages dos Negros (BA), trago aqui algumas informações. A atividade de maior abrangência em Lages dos Negros é a agricultura¹¹. A maioria das mulheres que estiveram nas oficinas CorpoTerritório, além do trabalho doméstico, atuam na agricultura familiar, no cuidado e produção de suas roças, com o plantio da mandioca, feijão, milho e cultivo de sisal, palha de licuri para produção de esteiras, chapéus e vassouras. O principal espaço de troca e venda destas produções são as feiras no centro do povoado que se dão aos domingos e se constituem um importante evento de circulação social e econômica, como descreve as pesquisadoras Isabel de Jesus Santos e Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida no texto *As representações sociais dos quilombolas sobre a extensão rural na Comunidade Remanescente de Quilombo Lage dos Negros em Campo Formoso/Bahia* (2014. p.164)¹²:

Após um tempo, esse espaço [a feira] se concretizou, aos domingos, como ambiente simbólico das relações econômicas de troca, venda da produção, distribuição de bens e serviços (...). [As] comunidades negras rurais vendem os produtos alimentícios locais, na sua maioria carnes, peixes, animais vivos, sandálias artesanais, farinha, feijões, frutas e verduras.

E ainda que a região de Lages Negros não seja sede de grandes problemas dos marcos regulatórios e regularizações fundiárias, como nos povoados vizinhos (SANTOS, I.J.; ALMEIDA, M.G.A.A. 2014, p.159), outras questões que tensionam a

¹⁰ Fonte: Companhia de Desenvolvimento dos Vales de São Francisco e do Parnaíba. Acesse: <https://www.codevasf.gov.br/>

¹¹ (Idem.)

¹² Artigo publicado na Revista de Extensão e Estudos Rurais. Volume III, 2014.

dinâmica agropecuária dos povoados, devem ser problematizadas. Como por exemplo, o uso de meios tecnológicos para produção agrícola e os impactos na preservação do meio ambiente, bem como na relação dos interesses do agronegócio:

No que tange às questões socioambientais, Lage dos Negros não é diferente da realidade de outras comunidades tradicionais que lidam com vários problemas, a exemplo do desmatamento, do desaparecimento dos rios e da especulação fundiária, uma vez que o subsolo é rico em água para irrigação e, a cada dia, o agronegócio do Vale do São Francisco vai expropriando os povos tradicionais e expandindo suas áreas.

(SANTOS; ALMEIDA, 2014, p.159)

Com a acentuação da expropriação hídrica por parte dos interesses do agronegócio, bem como a utilização irregular dos recursos naturais para as urgências dos sistemas agropecuários e agrícolas, a água enquanto recurso essencial de manutenção de sobrevivência se tornou uma questão no povoado:

Em Lage dos Negros e locais circunvizinhos a presença dos recursos hídricos é acentuada, mas conflituosa. Os rios afluentes do “Velho Chico”, a citar o Rio Pacuí, já não correm mais, além das águas subterrâneas que estão cada vez mais profundas no subsolo (...). Outra característica a se observar é que não corre mais o Rio de Lage dos Negros, que, segundo os mais velhos, era permanente, e hoje, após o desmatamento e a construção de casas no leito do rio por pessoas externas à comunidade, deixou de existir e passou a ser conhecido como “o Rio Morto”. Algumas pessoas mais velhas da comunidade afirmam que o rio deixou de existir também por causa da algaroba, *Prosopis juliflora* (Sw.), que “chupa muita água”

(SANTOS; ALMEIDA, 2014, p.161)

Por um lado estão os problemas do desaparecimento dos rios, desmatamento e expropriação fundiária presentes no remanescente, o que demanda ações comunitárias e governamentais na atenção, preservação e cuidado dos recursos naturais, com planejamentos contínuos e à longo prazo. Do outro, encontram-se frentes de resistência e manutenção dos aspectos identitários, culturais e espirituais da comunidade, dos quais também contribuem para manutenção da existência do quilombo e de sua diversidade.

1.4 O Reisado

O reisado é uma manifestação cultural de maior destaque no Quilombo Lages dos Negros. Caracteriza-se como uma sofisticada dramaturgia artística com música,

dança, teatro que anuncia de forma alegre a chegada de Jesus Cristo, o Messias. Dentro da crença do catolicismo regional nordestino, o reisado é um momento de celebração e do reforço de práticas de fé de toda comunidade. É através do percorrer de porta em porta dos chamados pastores e pastoras, que a festa toma seu rumo movimentando meninos (as), idosos (as), jovens, adultos e idosos à folia, convocando a todos/as a vestirem os melhores trajes para o canto e roteiro teatral desta festa sacra, que também é atravessada pela cultura negra-africana¹³.

Acontece sempre no mês de janeiro e duram semanas no remanescente Lages dos Negros. É interessante destacar que, durante este período além do movimento da arte/cultura, a festa mobiliza a economia, na qual fortalece outros modos de sobrevivência da comunidade, estimulando a todos a empreender desde a economia participativa e solidária. Como bem relata Roseli Nascimento Araújo, 22 anos, jovem quilombola de Lages dos Negros:

Reisado na minha comunidade é cultura, é vida, é tradição. Quando chega o mês de janeiro todo mundo já fica na expectativa. Dá pra ver a felicidade no rosto das pessoas, todas animadas participando dançando e cantando. A comunidade no geral ajuda bastante contribuindo com alimentos e dinheiro da forma que cada um pode para trabalhar o fortalecimento da cultura para ajudar na compra de vestimentas etc. Espero que essas tradições nunca se acabem por aqui, que esse quilombo valorize ainda mais suas culturas.

(Trechos do Relatos CorpoTerritório, 2021)

O Reisado enquanto manifestação cultural se tornou uma importante referência artística, onde a prática de corpo e cena atravessa o sentido de pertencimento, comunidade e fé. É na relação intergeracional que a magia invade todo povoado, traduzindo e atualizando as noções de comungar, celebrar e estar vivo/a. Pelas palavras de D. Hilda Costa Araújo, 48 anos, mulher negra e também residente do Quilombo Lages dos Negros:

O Reisado aqui na nossa comunidade, pra mim é uma manifestação cultural muito boa porque integra as gerações. Quando tem Reisado nas comunidades, todo mundo participa, grande pequeno, velho, moço, então é uma coisa assim que contagia, na verdade.

(Trechos do Relatos CorpoTerritório, 2021)

¹³ Fonte: Reisado Brasil. <https://www.geledes.org.br/reisado/>

Desde 2019 até o presente momento, o Reisado não tem sido realizado na comunidade devido a pandemia da COVID-2019. Isso dificulta diversas relações na comunidade, como as de gestão econômicas, social e cultural que acontecem neste período do ano:

A manifestação do Reisado aqui pra nós é uma manifestação cultural muito ativa, que nos últimos dois anos não está tendo, mas que sentimos muitas saudades, então também não é só uma forma de dançar, mas principalmente da gente estar compartilhando momentos, vivenciando vidas, enfim. O Reisado é uma marca muito forte aqui no nosso meio e com certeza a comunidade toda gosta e todo mundo é apaixonado pelo Reisado.

(Ibidem.)

Ocorre que ao apresentar o projeto de Dança do CorpoTerritório à comunidade e a proposta dos procedimentos metodológicos ou como chamamos de *práticas para o sensível, as participantes* trouxeram a experiência do reisado como o maior momento como um momento de culminância. Ou seja, momento em que elas expressavam suas danças e gestos, como uma experiência de enraizamento e uma ritualística de pertencimento ao território – quilombo Lajes dos Negros. De acordo com elas, é um estar em situação, no qual a dança as convoca por inteiro.

Mulheres dançando o “Samba do Reisado”, Quilombo Lages dos Negros, 2018 - Arquivo Pessoal de Candai Calmon



1.5 Construções Conjuntas: Práticas do Sensível

As *escremovências* construídas dentro do CorpoTerritório, tal como suas práticas também estão conectadas com um fazer-ser-dança que objetiva acionar uma memória coletiva vinculada aos saberes construídos por e para mulheres negras. Este fazer-ser é a própria dança que, dentro do contexto das oficinas, se manifesta através de movimentos construídos entre as participantes, conexão corpo a corpo, sentimento à sentimento. Ou seja, uma dança que acontece pelas existências que ali se instauram e se presentifica por intermédio da improvisação.

O processo de construção e definição destas *escremovências* foi atravessado primordialmente pela experiência nos quilombos, seguido das oficinas pontuais ministradas para mulheres negras no bairro de Cajazeiras V em Salvador/Bahia e no sul da cidade Chicago/EUA, com mulheres negras residentes na região.

E como veremos mais adiante elas se resumem em cinco verbos-ações: ***Limpar, Sentir, Tocar, Mover, Escrever.*** Dentro do mestrado profissional vi a oportunidade

de retomar as metodologias, destrinchá-las e organizá-las como o objetivo de poder também torná-las práticas acessíveis para multiplicação artísticas entre as mulheres quilombolas (urbanas e rurais).

Importa destacar aqui, que foi durante o meu percurso acadêmico no Mestrado Profissional/PRODAN, que tive a oportunidade de revisitar/escavar as experiências desenvolvidas no Projeto CorpoTerritório e sistematizar os procedimentos metodológicos, a partir do entendimento que o modo de organizar os verbos-ações não deveria estar apartado do vivido coletivamente. Ou seja, que o exercício de descrever e dar sentido as ações de dança desenvolvidas, deveriam ser analisadas como construções conjuntas – práticas feitas com elas e não para elas. Objetivando também, entendê-las como práticas do sensível, que ali já estavam atadas aos elos da herança ancestral. Motivo pelo qual, os procedimentos metodológicos aqui descritos podem se tornar práticas acessíveis para a multiplicação de fazeres artísticos entre as mulheres quilombolas (urbanas e rurais). Afinal, são práticas que aterraram um vivido conjunto, nas quais não existe uma condução hierárquica, uma vez que somos muitas em um fazer contributivo e de transmissão ancestral. Pois como nos lembra Amadou Hampâté Bá, “as pessoas da pessoa, são numerosas no interior da pessoa” (2010, p. 184).

Devo confessar que tenho por muito anos me questionado sobre as formações artísticas em Dança e experiências das mulheres pretas, suas representações, demandas ancestrais que, para além de dores, traumas e memórias de violências - borbulham-se potências a serem celebradas.

Para tanto, o corpo em memória com nossas ancestralidades são pontos que sustentam as metodologias deste projeto e pelas quais convoco à cada mulher a vivenciar estas dimensões no corpo. São reflexões corpóreas, escremovência que dançam nossas memórias do ser mulher negra, na expressão de movimentos, do dançar-sentir no coletivo.

A ancestralidade aqui portanto, toma um lugar importantíssimo, onde costura cada fazer, cada sentido-objetivo e cada materialidade deste projeto. Penso esta ancestralidade como um espiral visível-invisível de saberes possuídos de vida e

inteligência, um acasalamento dançante entre o passado, presente e futuro. A ancestralidade como “um sentido para o sentir” (ALDIBÂNIA 2014, p.134), que nos envolve em um manto experiencial, e convoca as nossas existências à busca incessante de quem somos, de onde viemos e para onde vamos.

As práticas são movidas pelo sentir. Corpos que dançam. De olhos fechados, em relaxamento e escuta sensível, somos movência e memória, sem que seja preciso instruir uma dança pré-definida. Juntas apostamos no retorno do caminho de casa, nos saberes do CorpoTerritório, que fluem em movimentos sinuosos, respirado, cadencioso, intenso. *Corpas* dançantes como uma manifestação inteira de tudo que há ali. Não há mais a separação dentro/fora, interno/externo ou individual/coletivo. Ao dançar somos integradas a totalidade da potência de existir e re-existir.

Neste sentido, cada mulher, cada corpa expressa a sua dança desde a totalidade do que cada uma é. E o papel das oficinas do CorpoTerritório e o meu como facilitadora desse processo, é o de construir pontes e estimular a manifestação dessa dança. Os estímulos são através de músicas afroreferenciadas¹⁴, utilização de aromas naturais como aromatizador ambiental de alfazema e lavanda e consignas de corpo/movimento como: “feche seus olhos e deixe que seu movimento floresça à partir do seu centro”, “em dupla, permita que seu movimento seja continuação do movimento da sua parceira” ou “utilize seus pés como fio condutor de energia para o seu dançar” etc. A partir destes estímulos e principalmente do estado presença de cada mulher, a dança, como estado de acontecimentos flui na plenitude do que tem ser.

Longe de fragmentá-los como práticas independentes o *Limpar, Sentir, Tocar, Mover, Escrever*, é uma tentativa de tradução e esquematização de uma vivência. Vivência como um campo artístico de acontecimentos complexo e múltiplo, no qual muitas instâncias à nível do corpo presente (físicas, psíquicas, energéticas, espirituais) são manifestadas em profundas interações. A razão e os modos ocidentais de tradução da realidade não dão conta de observar a vivência sem codificá-la e fragmentá-la (ROSA, 2019; MARTINS,2003). Portanto tais procedimentos pretendem

¹⁴ Artistas como a cantora do Mali Rokia Traoré ou a portuguesa Sara Tavares e ainda Luedji Luna, cantora baiana - fazem parte da playlist CorpoTerritório juntamente com outras cantoras artistas regionais.

estar conectados no sentido primordial de integração, de união e conexão com a própria Dança.

Portanto aqui penso que com a dança no projeto corpoterritorio seja possível construir um significativo caminho de beleza e resistência entre mulheres, desde à partir das nossas memórias e ancestralidades. Rearticulando as nossas experiências de dores e alegrias, com o nosso corpo/sentido no aqui e agora, nutrindo os nossos sonhos e bem viveres.

E neste fluxo, os procedimentos metodológicos e suas práticas para o sensível tem se estabelecido como uma das possibilidades de integração e multiplicação em Dança, fortalecendo a experiência do corpo feminino em território de quilombo como enunciação de liberdade.

Penso que com os quilombos poderemos compreender na dimensão do corpo, em cada camada que nos compõem e a possibilidade de investigarmos dentro de nós mesmas os reais caminhos de empoderamento e liberdade que trazemos na memória das nossas ancestralidades. Entrar em contato com o sentido de liberdade *corpado*, liberdade em quilombo e que se potencializa no mover-se dança. Afinal, quais os acionamentos de liberdade a dança proporcionam e conectam com as experiências restituídas no quilombamento de agora?

É sob esta perspectiva que o trabalho da historiadora e intelectual negra Beatriz Nascimento¹⁵ nos direciona para um sentido de quilombo como territorialidade viva, coletiva, subjetiva e ancestral “atrelando a existência ao acesso pleno ao território, que vai do próprio corpo à territorialidade físico espacial” (ALCÂNTARA, 2017, p.9). Portanto nesta restituição da ideia de território como corpo, que nos direciona à uma memória viva, circunscrita num *corpoterritorio* que somos, emaranhando-se permanentemente no fluxo da memória existencial do povo preto em diáspora e os desafios que se apresentam frente às novas formas de existências conjuntas.

¹⁵ Menciono a coletânea de artigos e textos produzidos por Beatriz Nascimento, organizada e editada pela União dos Coletivos Pan-Africanistas em parceria com a Editora Filhos da África no ano de 2018.

Junto à estas mulheres, tal como suas trajetórias em comunidade, CorpoTerrítório tem objetivado através de suas práticas construir mais um caminho de *acendimento de sol*, como sugere a pesquisadora Aza Njeri (2020), no exercício de despertar as potencialidades femininas no interior dos corações de mulheres negras, viventes em territórios urbanos e rurais. Neste *acender os nossos Sois* para a construção de uma qualidade de futuro também me reconstruo, me rafaço como educadora que reverencia as experiências conjuntas, quilombistas¹⁶, ancoradas na memória e no legado dos e das nossas ancestrais.

¹⁶ Quilombismo é um termo construído pelo intelectual Abdias Nascimento que de modo geral, aponta as tramas de resistência do povo preto frente ao sistema social racista e traz a emancipação e o enfrentamento estrutural à partir da ideia e experiência do quilombo como símbolo condutor da libertação. (NASCIMENTO, Abdias. 2015)



1.6 Limpar, Sentir, Tocar, Mover e Escrever
Práticas do Sensível

LIMPAR

“Limpo à mim e a todas nós com a energia das minhas mãos. Uma mulher está no centro e outras comigo em sua volta. Varredura com as mãos, de cima para baixo. Do céu para a terra. A intenção aqui é de limpeza e harmonia para cada mulher”

(Candai Calmon. Escritos para as Oficinas CorpoTerritório.

Arquivo pessoal.)

Procedimento: Limpar

Ritual : Abertura

Elemento Vital: Ar

Ação: Coletiva, circular

Como é feito: Uma mulher se posiciona no centro e as outras ao seu redor; Com a palmas das mãos espalmadas, todas as mulheres “varrem” o corpo da mulher que está no círculo, de cima para baixo.

Possíveis Benefícios/Aproveitamento para o Dançar: Sensação de um corpo varrido, limpo, energizado; Prática coletiva que permite atenção e escuta para o corpo que está sendo limpo.

O procedimento de abertura das oficinas é o *Limpar*. No sentido do seu próprio significado indica um momento introdutório nas oficinas CorpoTerritório e se apresenta como um ritual limpeza energética das nossas *corpas*. Para isto nos posicionamos em círculo, corpo a corpo, com uma mulher no centro do círculo. Nos aproximamos dela e com nossas mãos varremos seu corpo de cima para baixo, do céu para terra.

Podemos vincular este exercício à retirada de máscaras simbólicas de silenciamento e vergonha que em nós foram cristalizadas, ao longo da vida. Violências cotidianas que endurecem nossos corpos/sentidos que nos fragiliza, nos vulnerabiliza.

Pensando nessas violências que incidem em nossos corpos, Grada Kilomba em seu livro *Memórias de Plantação* (2008), menciona a máscara como símbolo silenciador da memória/corpo/psique das mulheres negras (p.33). A máscara como artifício de defesa e que segundo Kilomba esconde em nós o medo, a autculpa, a frustração, a vergonha de quem somos, a negação de nós e do mundo (p.34). Podemos utilizar esta máscara simbólica para sermos aceitas, incluídas, normalizadas. O compromisso ao nosso bem viver e ao enfrentamento do racismo e sexismo é arrancar estas máscaras e afirmar quem somos. A dança poderá ser um poderoso instrumento nesse processo.

É por isso que a dinâmica do procedimento *Limpar* nos leva a uma ideia-chave de que para estar ali, é preciso chegar e se despir. Despir-se de todos os excessos que trazemos em nós, das máscaras simbólicas, das tensões/energias que bloqueiam o fluxo do mover nosso corpo.

Também este procedimento permite fortalecer o vínculo e o afeto entre todas nós, as que se posicionam dentro do círculo e as que fazem limpeza na borda do círculo. Todas são cuidadoras e resgatam nesta vivência o cuidado de si e da outra:

Um exercício único de reconexão com o meu corpo a partir da perspectiva de contato com o chão, com a terra, com o território Ele me trouxe um sentimento de cuidado entre as mulheres que eu sentia falta no dia a dia. Ele mudou a minha perspectiva sobre a dançar (...).

*(Uyara Nayri Batista de Almeida, 21 anos. Trechos dos Relatos
CorpoTerritório.2021)*

Este primeiro procedimento nas oficinas CorpoTerritório tem, bebido dos saberes populares e seus significados sobre a limpeza constante de memórias que necessitamos fazer para nos restabelecermos em uma vida plena no ayê (terra). Um banho de mar, rio, chuva ou um sacudimento com ervas sagradas representam aqui as mães mais velhas deste procedimento. Portanto é neste ritual de limpeza que construímos pontes de rituais entre nós e o nosso Dançar. Limpar como um ato ritualístico de preparação do território para as nossas danças.

Feito diversas vezes e junto com diversas mulheres-corpas compreendo a potência deste momento, sobretudo nas trajetórias de dor e alegrias que trazemos como mulheres racializadas, na diáspora africana. E neste procedimento, como uma ação prática-simbólica, nos propomos a vivenciar através do corpo, intenções de limpeza e cura.

**Procedimento “Limpar” com Mulheres Negras do Sul de Chicago.
Comfort Station, 2019. Foto Jordam Martins - Arquivo Pessoal**



SENTIR

“sinto o espaço que aqui habito. com olhos fechados deixo o meu sentido-tato ser a principal guia. junto neste caminho tenho uma mão que me guia. permito ser guiada. confio. permito sentir o entorno através dos pés, das mãos, dos cheiros e da totalidade do meu corpo-intuição”

(Candai Calmon. Escritos para as Oficinas CorpoTerritório. Arquivo pessoal.)

Procedimento: Sentir

Ritual: Começo

Elemento Vital: Terra

Ação: Em dupla

Como é feito: Uma mulher guia a outra pelo espaço afora (quintal, mato, rua). Uma estará de olho fechado e a outra de olho aberto para guia-la no espaço. Aqui caminha com os olhos fechados deverá estar totalmente entregue a guia da outra.

Benefícios/Aproveitamento para o Dançar: Despertar outros sentidos deslocados da centralidade da visão. Avivar o sentido tátil e o sistema sensorial somático, responsável pela percepção do toque (o toque nesse procedimento tem uma função primordial na guia do corpo e na captura de informações, a exemplo das direções espaciais, para a exploração espacial); Potencializar a sensibilidade e escuta interna corporal para mover e aprender a confiar na condução da companheira-guiadora.

O procedimento *sentir*, também é uma das primeiras práticas da oficina. A força que rege este procedimento, sem dúvida, é o tato como uma dimensão de conexão profundamente poderosa que rege nosso corpo e aciona a sensibilidade necessária para o corpo que dança. É neste procedimento que acionamos a nossa força interna de confiança e entrega, traduzindo nossos medos de fechar os olhos e sermos guiadas através de micro tensões.

O exercício aqui é caminhar, junto com sua companheira-guiadora, para se entregar às sensações somáticas capturadas pelos receptores táteis da pele. E não somente o tato pode ser acionado, outras modalidades somáticas como o olfato e audição podem ser potencializadas quando a visão não é a protagonista do mover-se. É uma entrega para sentir, respirar e tocar o espaço que ali se apresenta.

Como consigna de movimento para este procedimento está em deixar o corpo se entender, a partir das percepções somáticas que chegam.

Este procedimento é um mergulho no sentido interno e nas profundezas sensoriais que existem no corpo. Durante esta prática nas comunidade do Quilombo Lages dos Negros e também em Cajazeiras V, vivimos momentos preciosos de construção de sentido dessa prática como algo que nos despertou para o desconhecido. Roseli Araújo, exemplifica o lugar que tomou está prática pra ela:

A prática que eu gostei mais foi de caminhar na terra e sentir, porque a gente anda todos os dias, mas nunca tinha parado para sentir as energias boas que a mesma pode nos proporcionar. A partir deste dia passei a olhar as coisas de um jeito diferente.

(Roseli Araújo para o Relatos CorpoTerritório 2021)

Ressignificar, reconstruir olhares sobre si e o afora, esse é um dos objetivos dessa prática. Nas travessias do cotidiano, normalizamos as espacialidades, os cheiros, as imagens. Será que no fechar dos meus olhos, junto a uma companheira que me guia, poderei sentir este espaço/corpo de um outro lugar?

Lavinia Ribeiro, 23 anos, mulher negra e participante do projeto no bairro de Cajazeiras V/Salvador, pontua esta prática como um despertar da sua percepção territorial:

(...) Aquilo ativou a minha territorialidade, a atenção ao espaço que eu ocupo e divido e me fez pensar em como muitas vezes não nos atentamos a tudo que nos rodeia. Ali a gente sentia o chão sem ver, ouvíamos vozes das outras mulheres que faziam a mesma atividade e apesar de estarmos de olhos fechados, pude sentir que haviam outras no mesmo movimento que eu e que havia uma mulher me guiando, que eu podia e precisava confiar nela.

(Relatos CorpoTerritório 2021)

Foi assim que o *Limpar*, no meu olhar, se tornou um dos procedimentos metodológicos de maior impacto nas oficinas CorpoTerritório. Impacto positivo, que nos fez revisitar o espaço dos nossos cotidianos desde um lugar diferente: um lugar

dos olhos vendados, da escuta atenta, da confiança em que nos guia, no despertar dos nosso sentidos. O corpo sendo guiança, se abrindo as memórias, refletindo, desde sua totalidade, os múltiplos lugares que podemos acessar.

**Procedimento “Sentir” com Mulheres Negras em Cajazeiras V.
Espaco Jaqueira, Salvador, 2019 - Foto Carolina Silva**



TOCAR

“Sou massageada por quatro ou seis mãos de mulheres. me recolho, fecho os meus olhos e entrego meu corpo-templo às mãos das minhas semelhantes. sou tocada em minhas raízes, em meu tronco e em meus galhos-folhas”

(Candai Calmon. Escritos para as Oficinas CorpoTerritório. Arquivo pessoal.)

Procedimento: Tocar

Ritual: Meio

Elemento Vital: Terra, Água

Ação: Em trio ou quarteto

Como é feito:

Parte 1: Uma mulher deita no chão com olhos fechados e duas sentam ao redor com objetivo de tocá-la. O tipo de toque é suave, contínuo e respirado. Com as pontas dedos e pressionando, as mulheres massageiam os pés à cabeça da que está no chão.

Parte 2: Uma mulher se posiciona em pé com os olhos fechados e duas se colocam na frente e atrás dela. Com as pontinhas dos dedos, as mulheres massageiam o rosto, a cabeça, pressionando a pele ao osso, suavizando as camadas com o toque.

Ao fim destas práticas, deixamos a mulher, a partir do estímulo do toque, a ser convidada à sua própria dança.

Benefícios/Aproveitamento para o Dançar: Corpo estimulado e energizado pela mãos que o ativa o à partir do toque; Dança do sensível, integrada e presente com estas sensações.

O procedimento *Tocar* é mais de integração e aprofundamento do campo sensível do corpo. Nossas trajetórias, nossas semelhanças se traduzem no gesto simples de tocar e ser tocada. O Tocar se expressa no sentido do “adentrar” e para isso o desejo e a permissão de ser tocada terão que estar claramente explícitos entre todas nós.

Neste exercício, dou a instrução que o toque deverá ser suave, cuidadoso como mãos que passeiam sobre pequenas plantinhas em uma terra fresca. Para as mulheres que fazem o toque, será necessário respirar juntas em cumplicidade, atentas ao corpo-templo que ali repousa e se abre. Para a mulher que repousa no

solo será necessário que ela esteja em estado de presença, observante e relaxada, e em cada respiração ela solte mais o peso sobre a terra e se entregue a cada toque ali manifestado. A respiração aqui portanto, se torna um veículo fundante na construção desta prática, sendo através dela que cada gesto se traduzirá, tomará uma forma.

Esta prática assim como as outras, constituem uma ponte, um caminho para o mover em dança mais integrativo, mergulhado nos próprios sentidos. Neste mergulho, poderemos acessar lugares desconhecidos, por vezes dolorosos, que incomodam, que nos lembram do peso que carregamos, nas trajetórias de luta de sermos mulheres negras em uma sociedade racista. Mas como lembra beel hooks, no seu livro *Olhares Negros: Raça e Representação* (2019 p.113), somos ousadas porque recriamos e reavivamos os sentidos de estarmos vivas à cada manhã, gerindo espaços de reconciliação com as nossas subjetividades, criando rede apoio entre nós. Sabemos o significado de reinventar-nos.

No campo da entrega e do sensível deste procedimento, Luisa Cavalcanti Albuquerque, conhecida como Maria Tuti, mulher branca, 31 anos e participante da oficina em 2018 no bairro de Cajazeiras V/Salvador - traz um precioso relato:

Eu gostei muito da oficina como um todo. Mas o toque/a massagem me despertaram lugares muito bonitos. Acho que o fato de ser a única mulher branca da oficina fez com que eu não soubesse como agir em determinados momentos. Mas ter a possibilidade de trocar energeticamente fez com que eu me tranquilizasse e acessasse um lugar de cura muito profundo... em que a lógica da fala, a construção narrativa lógica, não fazia tanto sentido porque eu já havia alcançado outras compreensões da ordem do sensível. sem dúvida, aquelas massagens eram curas de muito, muito tempo. Poder me sentir curando tanto em mim quanto em outras corpos foi uma sensação de satisfação que eu não sei nem nominar.

(Relatos para o CorpoTerritório 2021)

Para Rani Teles, mulher negra, 28 anos, participante da Oficina do CorpoTerritório em 2018, em Cajazeiras V/Salvador, o procedimento *Tocar* também se manifesta como uma prática de cuidado e limpeza:

Eu gostei mais da prática de massagem, naqueles momentos eu sentia a materialização da palavra cuidado. Sempre que acontecia

essa prática eu me emocionava. Eu acredito muito que nosso corpo somatiza muitas emoções e nem sempre temos a consciência de qual lugar do corpo aquela emoção se cristaliza, então com o toque e o cuidado nessas regiões contribuía pra que essas tensões fossem diluídas e liberadas.

(Relatos CorpoTerritório 2021)

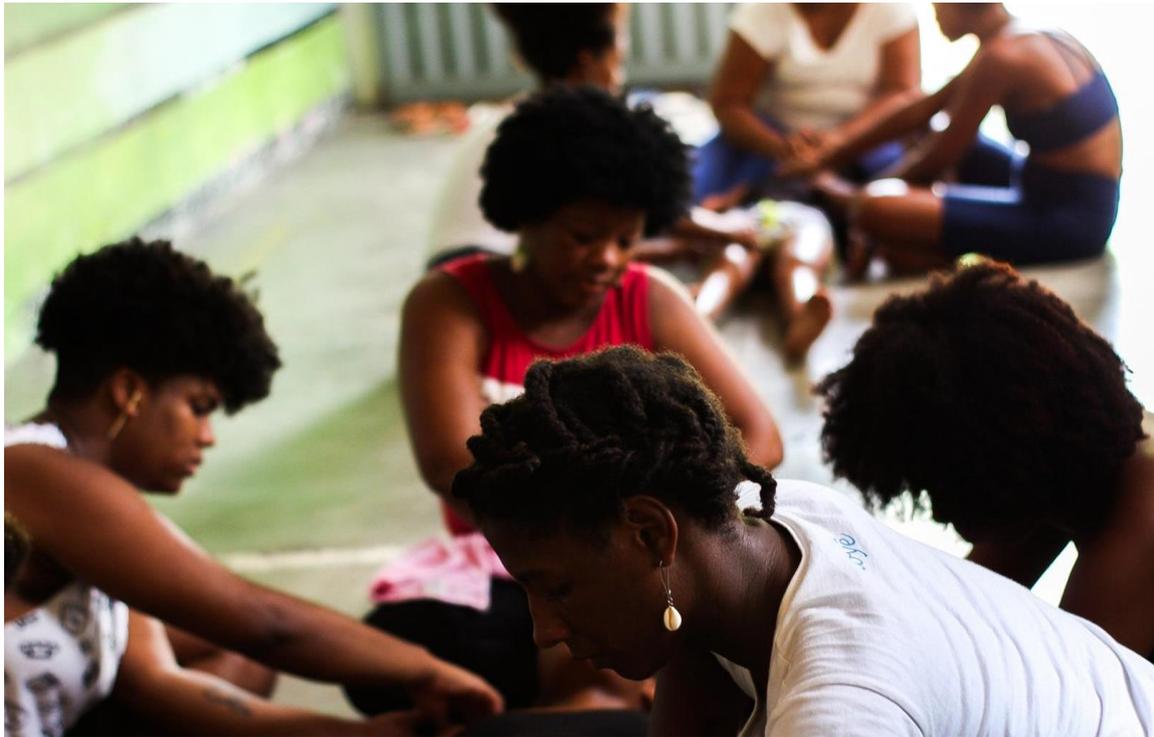
Maria dos Santos de Souza, mulher negra, 21 anos, também sentiu a prática do Tocar, no campo do autocuidado. Sob suas palavras:

Descobri o que é a tensão e acho que consegui relaxar o corpo de verdade, pela primeira vez em toda a minha vida. Amei e pratico muito, ainda hoje, as auto-massagens, isso foi revolucionário pra mim. Me lembro de Candaí falar "como tarefa de casa, vocês devem fazer tantos minutos de auto-massagem". É paradoxal termos que considerar o bem-viver também uma tarefa, porque seguimos descuidando de nós mesmos na rotina.

(Relatos CorpoTerritório 2021)

Todos os procedimentos estão entrelaçados e todos eles traduzem um dançar para o nosso bem viver. A realização deste procedimento nos fez entender que é na prática de autocuidado conjunta que podemos construir pontes de ressignificação e cura das nossas dores. Nesse tocar o nosso *corpoterritório* despertamos o sentido corpóreo de transformar, sonhar e dançar nossas trajetórias. E essa dança se materializará ainda mais no *Mover*.

**Procedimento “Tocar” com Mulheres Negras de Cajazeiras V.
Espaço Jaqueira, 2019. Foto Carolina Silva**



Mover

“de olhos fechados, em trio, as mulheres se moverão ao seu ritmo, com escuta atenta. olhos atentos umas a outras. movimentos como continuidade de uma e da outra. estamos improvisando, criando e intuindo os nossos sentidos-corpo”

(Candai Calmon. Escritos para as Oficinas CorpoTerritório. Arquivo pessoal.)

Procedimento: Mover

Ritual: Meio

Elemento Vital: Ar, Fogo

Ação: Em trio

Como é feito: Nos dividimos entre três, dançamos em movimento circular, criamos uma sinergia entre nossos movimentos. Deixamos que a própria dança nos guie, nos leve e nos abrace.

Benefícios/Aproveitamento para o Dançar: Corpo livre, movimentos improvisados. Energização individual e coletivo. Sensação de bem estar, dança que surge através da intuição e do sentimento coletivo.

O procedimento Mover, é uma proposição de criação em dança contínua e coletiva. Um convite à Dança depois de passar pelos rituais de sensibilização (Limpar, Tocar, Sentir). É o ponto de ritual em que compreendemos no corpo a sensação de dançarmos juntas.

Cada movimento que surge está profundamente conectada a cada mulher no círculo. É diálogo de movimento, um movimento como pergunta e resposta. Aqui é a própria Dança em sua manifestação. Olhos atentos, coração aberto e escuta na totalidade de um corpo que se relaciona.

Esta prática é um momento precioso para dançar e criar juntas. Permite que as corpos se abram, se expressem e dialoguem com beleza e magia. Dançar em

conexão no entrelaçamento dos sentidos para uma criação conjunta. E para chegar até aqui, foi preciso caminhar e sensibilizar-se. Foi preciso os olhos fechados, o toque, o despir, desnudar-se, o tocar e o deixar ser tocada. Chegamos aqui depois de profundos mergulhos e agora podemos confiar em que aqui comigo dança.

Esta sensação de confiança potencializada por estarmos entre nós, foi um sentimento que também atravessou Uyara: “Senti como se estivesse em uma rede de afeto, de aquilombamento. Senti que podia confiar. Que ali, umas confiavam nas outras. E era fácil dançar assim.” (uyara

E aqui a Dança se manifesta à partir dos sentidos primordiais da improvisação em Dança. Improvisação como um processo contínuo de comunicação e troca entre os corpos e os movimentos (MARTINS, 2002). A complexidade de um corpo que improvisa em movimento, e que portanto, complexifica os sentidos das presenças, constrói conhecimento e “elabora informações, age e conhece” (p.11).

Como se dão os processos de improvisação entre nós mulheres negras? Quais os desafios se corporeificam no processo de criação e composição de movimento? Quais os acionamentos pessoais, de experiência de raça, gênero e sexualidade transmigram para esta dança do agora?

As experiências do *Mover* nas oficinas foram potentes. Estando presentes mulheres com diversas experiências e contato com a dança, esta prática se tornou um lugar de muita riqueza, que nos abriu um espaço de reflexão sobre o dançar entre nós, mulheres negras e nossas diversidades.

Para Carine de Jesus Almeida, 27 anos, participante das Oficinas em Cajazeiras V/Salvador:

Trocar energia com mulheres, principalmente pretas, foi acolhedor e muito prazeroso. Cada uma com sua potência e se despiendo de vários tabus pra pode se entregar na hora da dança e de se conectar com as outras mulheres da roda.

(Relatos CorpoTerritório 2021)

Roseli Araújo relata que dançar, improvisar com suas conterrâneas do Quilombo Lages dos Negros: “Foi uma experiência muito Boa e muito produtiva dançar entre mulheres. Como quilombola me orgulhei muito, pois nunca havia participado de evento assim. Foi muito bom ver todo mundo feliz e sorrindo e fazendo os exercícios com muito prazer.”

E Jaqueline Ferreira Conceição, 24 anos, mulher negra, participante das oficinas em Cajazeiras V/Salvador:

Um privilégio, gostaria que mais mulheres negras tivessem a oportunidade, o projeto vai além de uma oficina, ele mexe com nosso corpo, intelecto, abre espaço para a intimidade, a nossa sensualidade e ao mesmo tempo a nossa potência, ancestralidade, ele consegue alcançar um lugar muito pessoal e delicado.

(Relatos CorpoTerritório 2021)

Se Dançamos com nossos corpos-memórias, dançamos também as nossas linhagens, as/os que vieram antes e abriram nossos caminhos para estarmos justamente aqui, dançando. Dançamos portanto nosso quilombo/corpo/território movemos suas terras e seus segredos através do calor e da união dos nossos corpos. Dançamos para estarmos vivas, dançamos livremente um ritual de passado-presente-futuro materializado no agora:

Dançar com Mulheres é dançar com o Sagrado. Dançar com Mulheres Negras e de territórios de Resistência. É atravessar Portais, entender nossa existência, é SilenciAR para ouvir. Todas as práticas compartilhadas, foram acolhidas e necessárias (...). Dancei intuitivamente, ginguei com irmãs de Caminhos. Sambei em terra vermelha, Germinei no Quilombo, Lage dos Negros, Alagadiço. Me achei no Sumidouro. Me banhei em territórios de Afetos e no meu CORPO TERRITÓRIO, carrego a força das mais Velhas, o chá compartilhado, a força de D. Benedita, de um território FORÇA.

(Ariana Andrade, 33 anos. Relatos para o CorpoTerritório 2021)

Neste relato/poesia que Ariana Andrade traz o real sentido do que quero dizer sobre este procedimento. Na dança em trio, sensibilizado pelo tocar e sentir atravessamos nossos portais, dizemos com o corpo os nossos seguintes passos na dança daquele agora. É no mover que compreendemos a ideia de integração.

**Procedimento “Mover” com Mulheres Negras de Cajazeiras V.
Espaço Jaqueira, 2019. Foto Rebeca Thaís**



ESCREVER

“escrita livre do estado-presença que cada mulher ali se encontra. deixamos fluir e correr as palavras, sem nenhum tipo de exigência estética da forma e do entendimento que estamos habituadas. mãos como rios, escrita como rios, sentimentos como rios”

(Candai Calmon. Escritos para as Oficinas CorpoTerritório. Arquivo pessoal.)

Procedimento: Escrever

Ritual: Final

Elemento Vital: Água, Ar

Ação: Coletivo, circular

Como é feito: Sentamos em círculo e com o lápis/caneta sobre o papel registramos toda sensação, sentimento que permeia nosso campo/corpo depois de experienciado todo percurso CorpoTerritório. Esse é um exercício de escrevivência das nossas sensações, dos lugares que fomos dentro de nós, do compartilhar com a outra.

Benefícios/Aproveitamento para o Dançar:

Expressão, manifestação e visualização da auto-trajetória. Esta escrita é a própria percepção/sensação em dança, encarnada na experiência.

O procedimento Escrever se apresenta no final de todo o percurso das práticas CorpoTerritório. Um momento de brincar e fluir com as palavras, escrevê-las sem nenhum tipo de exigência normativa da escrita da qual estamos habituadas. Como se manifesta está escrita dançante, fruto dos meus sentidos vividos e mergulhados junto a outras mulheres?

Escrevemos tudo que vem ou estão em nossos corpos-sentidos. Palavras, frases, desenhos e pinturas ou tudo junto e misturado vão dando sentido a esta prática, que é gerenciada por cada uma ali presente. Neste fluxo de escrita criativa, direciono a possibilidade para quem sentir de compartilhar suas criações ao coletivo. Muitas mulheres falam que esse momento é o simples jorrar das emoções que foram cultivadas ao longo das oficinas. Palavras como: “sinto”, “meu corpo”, “cura”, “libertação”, “acolhimento” são constantemente ditas e escritas neste ritual final das oficinas.

Compreendo a potência deste momento, no qual as nossas mãos deságuam rios de sentidos. Cada escrita é um desaguar, um jorrar de caminhos pelos quais vivenciamos. Esta escrita é um fluir do próprio corpo e não está fragmentada da Dança. Escrever como ato de dançar e para “materializar as ideias, “Escrevo para que se torne real” (Uyara, 25 anos. Relatos para o CorpoTerritório)

Se a ativista feminista Glória Anzaldúa pergunta sagazmente às mulheres escritoras da latino américa “Quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever?” (ANZALDÚA, p.230) - aqui nos perguntamos: Quem escreverá por nós? Por que e para quem escrevemos com os nossos corpos?

Nossas escritas são fluídas como rio, expressam nossa sensação de re-existência frente ao mundo e nos transborda, nos jorram e nos limpam. Praticar a escrita livre e intuitiva como o próprio ato dançante é construir continuidade junto aos sentidos que ora dançados, também nos abre caminhos de conhecimento, sentimento e cura.

*Escrevam com seus olhos como
pintoras, com seus ouvidos como músicas,
com seus pés como dançarinas.
Vocês são as profetisas com penas e tochas.
Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que
a caneta lhes afugente de vocês mesmas.
Não deixem a tinta coagular em suas canetas.
Não deixem o censor apagar as
centelhas, nem mordanças abafar suas
vozes. Ponham suas tripas no papel.
Não estamos reconciliadas com o
opressor que afia seu grito em nosso pesar.
Não estamos reconciliadas.
Encontrem a musa dentro de vocês.
Desenterrem a voz que está soterrada em
vocês.*

(ANZALDÚA, p.235)

**Procedimento "Escrever" com Mulheres Negras de Cajazeiras V.
Espaço Jaqueira, 2019. Foto Rebeca Thaís**



1.7 Considerações Finais

Este trabalho versou sobre os procedimentos metodológicos do Projeto CorpoTerritório. Aqui pensamos o *Limpar, Sentir, Tocar, Mover, Escrever* como práticas do sensível para a Dança. O Dançar que ritualiza a presença das mulheres negras e sensibiliza todas para uma dança conjunta. Aqui pensamos que tais procedimentos viabilizam o corpo para o dançar desde o sentir e o conectar consigo mesma.

Consideramos também que longe de fragmentar cada procedimento e torná-los práticas individuais, os mesmos estão em profunda conexão formando uma trama, uma rede no campo do sentir, do sentir para o corpo que irá dançar. E esta dança costura, permeia cada procedimento, que ainda que possa de alguma forma aparentar como uma prática crua - a mesma é e está impregnada de Dança.

Em cada oficina ministrada, tanto nos quilombos rurais como nos quilombos urbanos, o projeto foi constantemente e profundamente transformado. Cada encontro trazia novos elementos que encorpavam os procedimentos. A exemplo do procedimento *Sentir*, em que no Quilombos Lages dos Negros na comunidade de Patos fizemos a oficina em uma pequena igreja católica, único espaço disponível na comunidade e sentimos entre todas/os que a vivência *Sentir* fosse realizada fora do espaço da igreja, ainda que sol escaldante estivesse presente. Daí surgiu de este procedimento sempre ser realizado em um espaço aberto, com pés na terra para poder mergulhar nesta proposta sensorial.

Neste sentido vejo e sinto este trabalho como um processo de construção constante, contínuo e aberto a transformações, em cada realidade local em que estará. Um trabalho aberto às mudanças e ao *corpas* de cada mulher que aqui chega e germina.

Torna-se um longo caminho para nós mulheres negras artistas ultrapassar as barreiras que negam nossas existências, resistindo-as, reinventando-as e afirmando

nossas narrativas artísticas também negras, também decoloniais, também espirituais. Compreendo que corpos femininos, sobretudo negros, estão marcados por dimensões sociais profundas de desprivilégios e dores que carregamos (PIEADADE 2017.) Dores que somatizam no corpo, na nossa projeção ao mundo, no disfrutar dos nossos direitos básicos.

Eu, corpo-acesso, corpo-ponte, corpo-caminho entendo-me como uma cultivadora de práticas artísticas que possam integrar dimensões subjetivas profundas da experiência do “ser mulher negra”, não deixando de estar atenta às especificidades das múltiplas experiências da negritude, da sexualidade, territorialidade, das questões geracionais e todas aquelas dimensões que nos marcam e que foram suprimidas pela branquitude.

Atrevo-me a afirmar que nós mulheres pretas, dançarinas e educadoras da Bahia através dos nossos próprios corpos-sentidos, criamos espaços de construção de arte, no qual somos como sujeitas dos nossos próprios caminhos e trajetórias. Espaços de enfrentamento ao racismo e que são de direito nosso.

E sinto que nesta busca pelos nossos direitos e busca por nós mesmas, nas conexões com o fazer-ser-dança é possível acessar uma consciência transformadora e que encoraje o empoderamento das mulheres negras como sujeitas no mundo.

Nesta perspectiva, trago o exemplo da proposta da escritora feminista Franchesca Gargallo ao convocar as mulheres indígenas, *chicanas* e fronteiriças ou “mujeres des-centradas” ou “libres del cerco” (GARGALLO, 2013.p.18) para juntas reivindicarem suas potencialidades de luta desde as suas culturas comunitárias (2013). Nesta reivindicação, reside a importância de “*Identificarse como mujeres en proceso de liberación*” (p.20), pelo qual dou significado como mulheres em processo de limpeza, de consciência e de entendimento do nosso poder pessoal e comunitário. Sejam as mulheres originárias em território mexicano, as “mujeres libres del cerco” ou nós mulheres pretas, quilombolas urbanas ou rurais - o que aproximam as nossas experiências, dentre muitas dimensões é a ancestralidade que nos levam a firmar caminhos de autonomia e liberdade.

Agradeço a oportunidade de, através desta escrevivência, visitar este projeto e construir pontes de pesquisa que venham a inspirar artistas, educadoras/es que residem tanto em cidades como e principalmente em territórios rurais como os quilombos. Que inspire práticas circulares, dançantes e sensoriais, para construção de saberes e sentidos outros das nossas existências.

1.8 REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Débora Menezes. A categoria política quilombola na encruzilhada: um olhar Possível do Encontro das Vertentes Epistêmicas Decolonial e das Autoras Amefricanas Beatriz do Nascimento e Lélia Gonzalez. Artigo para XVI Congresso Internacional FoMerco. UFBA, 2017.

ALMEIDA, P. S. M., BEZERRA M. S.. ESCREVIVÊNCIA: Escrita, identidade e o eu feminino negro em Ponciá vicêncio de Conceição Evaristo Científica da FASETE 2019. Disponível em: <https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2019/22/escrevivencia.pdf>

ALMEIDA, M. G. A. A; SANTOS, I. J; As Representações Sociais dos Quilombolas sobre a Extensão Rural na Comunidade Remanescente de Quilombo Lage dos Negros em Campo FormosoBahia. Revista de Extensão e Estudos Rurais. V. 3, N. 1, P. 155-189, 2014

ANZALDÚA. Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Trad. Édina de Marco. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 1, pp. 229-236, 2000.

BARRETO, Carol. ROSA, Laila. Deslo(u)çadas, transitórias e provocativas: troca de saberes e experimentos artísticos em moda e música no contexto pós-colonial. IV Seminário Enlaçando Sexualidades - Moralidades, Famílias e Fecundidade - 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/38396262/Revista_Feminismos_Artes_de_Mulher_Carol_Barreto_pdf

BISPO DOS SANTOS, Antônio. As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético. Tecendo Redes Antirracistas: Áfricas, Brasis, Portugal. Anderson Ribeiro Oliva, Marjorie Corrêa Marona e Renísia Cristina Garcia Filice (Eds.) São Paulo: Autêntica, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA Empreendimentos Sociais; TAKANO Cidadania (Orgs.). Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro; Takano Editora, 2003.

_____. Mulheres em movimento. Ed. Estudos Avançados. V.17 . 2003

CONRADO, S. V. A., CONCEIÇÃO, S. S. Dança e Música de Blocos Afro: Fundamentos de Poética e Política Negra. Dança: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança . v. 5, n. 1. 2020

GARGALLO, Francesca. Feminismos desde Abya Yala: Ideas y Proposiciones de las Mujeres de 607 Pueblos en Nuestra América. Cidade do México: Editorial Corte y Confección, p.2014. 270.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A Tradição viva. In: KI-ZERBO, História Geral da África. I Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010

MACHADO, Adilbênia Freire. Ancestralidade e Encantamento como Inspirações Formativas: Filosofia Africana mediando a História e Cultura Africana e Afro-brasileira. Tese de Doutorado. Salvador. UFBA, 2014

MARTINS, Cleide. Improvisação Dança Cognição: Os processos de comunicação no corpo. Tese de Doutorado. São Paulo. PUC, 2002. Disponível Biblioteca Puc/Sp: <https://leto.pucsp.br/handle/handle/18398>

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: Possibilidade nos dias da destruição. Diáspora Africana . Editora Filhos da África, 2018

NJERI, Aza. A Escola acende o Sol da humanidade? Blog G. Rio de Janeiro, 14 de Júlio de 2020 - Disponível em: <https://www.gabyhaviaras.com/blog-ponto->

posts/https/wwwgabyhaviarascom/-/blog-page-url/-/2018/2/23/-/new-post-titlea-
escola-acende-o-sol-da-humanidade

PIEDADE, Vilma. Dororidade. São Paulo. Ed. Nós, 2017.

ROSA, Laila. Trânsitos e Conexões Sagradas, Feministas e Musicais de AbyaYala entre Brasil e México. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura. Vol. 02, N. 03, Jul. - Set., 2019. Disponível em: www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh

ROSA. S. G., ALCÂNTARA N. C.; O Corpo da Mulher Negra nas Artes Cênicas. In. Dança e diáspora negra: poéticas políticas, modos de saber e epistemes outras. Orgs. Celina Nunes de Alcântara, Amélia Vitória de Souza Conrado; Celina Nunes de Alcântara; Fernando Marques Camargo Ferraz; Maria de Lurdes Barros da Paixão. (Coleção Quais danças estão por vir? Trânsitos, Poéticas e Políticas do Corpo, 6). ANDA. 2020

SILVA. Da Luciane. Corpo em Diáspora: Colonialidade, Pedagogia de Dança e Técnica Germaine Acogny. Tese de doutorado apresentada ao Programa de PósGraduação em Artes da Cena do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. 2017. Disponível em: repositorio.unicamp.br

A pair of hands is shown from a top-down perspective, cupping a mound of dark, rich soil. The hands are positioned centrally, with fingers slightly curled to hold the earth. A semi-transparent purple oval is superimposed over the soil, containing the text '2. Artigo' in a white, bold, sans-serif font. The background is dark and out of focus, with some green leaves visible in the bottom left corner.

2. Artigo

Publicado na Revista da Associação Nacional de Pesquisadores
em Dança (ANDA). v. 5, n. 1. 2020

CORPAS DA TERRA, CORPAS INTUITIVAS: NOTAS SOBRE FAZERES EM DANÇA JUNTO ÀS MULHERES QUILOMBOLAS

Candai Calmon (UFBA)

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende refletir sobre os fazeres educacionais em Dança, a partir do Projeto CorpoTerritório, sujeito das minhas experiências e objeto da pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Dança/PRODAN-UFBA em curso. Neste momento peço agô à minha ancestralidade por construir este espaço de escrita e sentido, dentro das responsabilidades que são cabidas à mim neste espaço de difusão e construção de conhecimento. Peço agô a Yá Oyá, dona do meu Orí (cabeça) para que cada palavra dita aqui flua e germine desde o meu Okàn (coração).

As abordagens de dança e criação que são compartilhadas neste projeto ancoram-se na ideia do corpoterritório como um ponto de partida para criação e sentido, no que se implica e convoca os saberes populares e ancestrais para a integração da dança, do corpo movente, do movimento. CorpoTerritório pode-se ser entendido aqui como um chamado para integração dos saberes do corpo e dos saberes locais, no fluxo da memória e do conhecimento experiencial que permeia cada localidade, cada terra, cada lugar. É um dançar as nossas memórias, intuir o nosso próprio corpo e beber da fonte inesgotável dos conhecimentos comunitários.

Convém explicar, que Projeto de dança CorpoTerritório¹⁷ desenvolve-se desde 2018 em comunidades tradicionais rurais e urbanas na Bahia e dedica-se à construção de sentidos na dança a partir dos saberes locais das comunidades tradicionais, sobretudo aqueles saberes que se vinculam à cultura popular e ao autoconhecimento

¹⁷ O Projeto CorpoTerritório circulou, entre os anos 2018 e 2019 por quatro quilombos rurais: Lages dos Negros, Alagadiço, Bebedouro, Patos (Campo Formoso - Bahia); e um quilombo urbano: Cajazeiras V (Salvador - Bahia). Além de passar por territórios quilombolas e remanescentes, o projeto foi convidado por duas vezes no ano de 2019 a construir suas oficinas junto com as mulheres negras, cidade de Chicago/EUA no programa de intercâmbio Close To There.

feminino, como um potencial de cura ancestral entre as mulheres e suas comunidades.

Os modos, as feitura, o saber-fazer que tem construído este projeto estão profundamente vinculados ao corpo, a memória e ao autoconhecimento como desdobramentos do que tenho entendido sobre a dança, sobre a ancestralidade e sobre a diáspora. Construir estes saberes em territórios quilombolas junto às mulheres negras tem sido um desafio prazeroso e um campo fértil de reconstrução de conhecimentos sobre o corpo e as nossas relações. Afinal a Dança, a ancestralidade e a memória, e a diáspora são dimensões possuídas de ideias e sentidos que se traduzem desde a diversidade em cada lugar, comunidade, em cada grupo, em cada bio-sujeito e em cada corpo. Viver, portanto, estas dimensões em territórios rurais, trouxeram-me diferentes percepções dentro das práticas de Dança dentro dos territórios urbanos que transito.

Estas percepções estão sendo experienciadas a cada caminho e encruzilhada do projeto ao longo destes 3 anos, entre idas e vindas aos quilombos, e o trabalho realizado junto às corpos¹⁸ de mulheres negras e suas experiências.

Como práticas metodológicas ou procedimentos como os tenho chamado, o Projeto CorpoTerritório ancora-se em cinco verbos-ações: São eles: Limpar, Sentir, Tocar, Mover e Escrever.

Limpar, Sentir, Tocar, Mover e Escrever são apresentados propositalmente neste sentido, porque penso que o Limpar, Sentir e o Tocar são práticas-rituais, práticas de abertura para o Mover que é própria dança integrada e manifestada à partir destes rituais.

¹⁸ Utilizarei muito este termo ao longo do texto. “Corpas” indica uma re-feminilização do termo corpo, na tentativa de dar ênfase à autonomia e saber do corpo feminino. Termo que também indica o entendimento do “feminino” para além da biologia e das determinações de gênero impostas nas nossas relações no social.

Foto Rebeca Thaís. Arquivo Pessoal de Candai Calmon



Ritualizar para dançar tem sido um dos caminhos que escolhi vivenciar junto ao projeto CorpoTerritório. Os procedimentos são estes rituais que preparam o nosso território corporal/coletivo para a experiência desde o fluir, a intuição e o sentir. Portanto, estes procedimentos que compõem o Projeto CorpoTerritório são práticas que objetivam sensibilizar o corpo, mergulhá-lo nos seus próprios sentidos. E é justamente na busca pelo sensorial que temos possibilitado uma prática de dança, de movência mais integradas e conectadas com o corpo: corpo individual e corpo coletivo.

Estas escolhas favorecem a diversidade de caminhos trilhados pelo CorpoTerritório e tem o objetivo de promover e multiplicar práticas artísticas de dança para o mantimento do autocuidado e da busca corporal entre mulheres, como também fortalecer os saberes locais, e sobretudo viabilizar os protagonismos de mulheres negras neste percurso. Fortalecendo assim, estas corpas-saberes, corpas-da-terra constantemente invisibilizadas em uma sociedade excludente na qual vivemos.

Reflexões e Compreensões desde a Experiência: Corpo-Quilombo

Os pontos de partidas para estas reflexões, o que inclui também esta escrevivência¹⁹ são as minhas experiências como ativista e educadora, das quais são tecidas ao longo dos últimos anos no campo das minhas anDanças e militâncias. Experiências guiadas por muitas questões. Quais danças alimentam as minhas trajetórias? Quais territórios alimentam as minhas danças? Quais narrativas políticas tenho elegido como mulher negra, no fluxo dos meus caminhos artísticos/educacionais em diáspora? Como construir práticas de movimentos em contextos territoriais quilombolas junto a mulheres negras? Quais epistemes do corpo são eleitas neste percurso? A quem interessa estas buscas?

Assim, a indagação dá lugar, então, a proposição e ao convite de pensar de modo ampliado e com o outro. Afinal, o projeto de dança em curso é atravessado (e modificado) por experiências comunitárias, específicas de cada contexto quilombola. Nesta experiência as reflexões não partem somente da dança e para dança, mas se estabelece junto a um conjunto social, político, cultural dos territórios em que ela se manifesta.

Portanto, para refletir sobre as danças construídas e manifestadas desde o Projeto CorpoTerritório nos quilombos, tal como os desdobramentos de experiências com mulheres negras quilombolas, se faz preciso afinar a escuta e o olhar para as histórias de luta e para as múltiplas ressignificações de sentido que envolve estes territórios.

Para tanto, o quilombola, intelectual e líder comunitário Nêgo Bispo (2007), nos chama atenção sobre a incessante luta dos territórios quilombolas, especificamente do norte e nordeste brasileiro, frente a continuada colonização em que as comunidades quilombolas estão submetidas. Para Bispo a colonização territorial e simbólica não terminou, e esta guerra requer estratégia, movimento de luta e defesa por parte dos povos “contra colonizadores” (p.47).

¹⁹ Escrevivência é um termo cunhado pela escritora e intelectual negra, Conceição Evaristo. Como forma de aproximar as nossas experiências do cotidiano com as nossas escritas, a Escrevivência é também vista hoje por muitas/os intelectuais negras/os como método de investigação nas Ciências Sociais e Humanas e Psicologia Social (SOARES; MACHADO, 2017). No campo da Dança temos construído escrevivências corpadas nas nossas produções, pesquisas, investigações

Os povos originários e os povos dos quilombos são os/as contra coloniais que resistem primordialmente desde suas culturas e seus modos de significação da Vida, em um mundo permanentemente colonial:

Vamos compreender por colonização todos os processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e até de substituição de cultura pela outra, independentemente do território físico geográfico em que essa cultura se encontra. E vamos compreender por contra colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios. (BISPO, 2007, p.47)

Portanto, residir em um território quilombola é em si mesmo um ato histórico de resistência e contracolônização. E este poderá inspirar a nós artistas nos nossos modos de produção nas cidades, nas narrativas artísticas e nas nossas linguagens que construímos desde e para os nossos corpos, nossas culturas, nossos agrupamentos.

Porque, se pensamos os modos de vida em um remanescente quilombola como um modo de resistência e liberdade que poderá inspirar os nossos modos de viver outros em uma sociedade - e espelhá-los, por exemplo, às nossas danças construídas e difundidas nas zonas urbanas, o que encontraremos? Quais acionamentos a luta histórica dos povos quilombolas no Brasil, tem a despertar em nós artistas? Quais modos de relacionar-se destes povos inspira-nos a estabelecer uma vida de respeito, amor e amadurecimento aos nossos territórios ancestrais, físicos/corporais, narrativos²⁰, etc.?

Neste sentido, creio que vale também refletirmos sobre a nossa relação com a Natureza e portanto com, nosso corpo, dentro de uma perspectiva negra, comunitária e quilombola.

²⁰ Sobre esta reflexão de como os quilombos podem inspirar as nossas práticas artísticas tenho pensando sobre isto, desde 2016 no curso das minhas andanças pelos quilombos. Junto com a Dança, tenho adentrado as comunidades quilombolas para compartilhar e trocar saberes desde o corpo, o movimento e conhecimentos artísticos. Em 2017, através do projeto e residência artísticas "Dendêar", dirigido pela artista baiana Ariana Andrade e artistas colaboradores pudemos adentrar os territórios quilombolas do recôncavo baiano e baixo sul. Foram eles: Quilombo do Dendê (Cachoeira), Quilombo Jatimane (Nilo Peçanha), Quilombo Mulungu (Boninal) e também no bairro de Periperi (Salvador). Além destas andanças junto ao projeto Dendêar, tive a oportunidade de conhecer o Quilombo do Cambury (Ubatuba, São Paulo) e conhecer um pouco das resistências negras e originárias que residem naqueles territórios. Estas experiências impulsionaram a criação e gestão do Projeto CorpoTerritório e seus desdobramentos, como a pesquisa no Mestrado Profissional em Dança da UFBA e deste presente artigo.

Para pensar a nossa relação com a Natureza em uma perspectiva contra colonial e quilombola Nêgo Bispo no decorrer do seu trabalho, nos presenteia com a ideia de “biointeração” (2007, p.81). Ao contrário de compreender a Natureza como algo fora de nós, fragmentada, dissociada e passível de ser explorada, comumente vista nos discursos coloniais ocidentais que adentraram nossos corpos, saberes e sentidos²¹ - a relação com a Natureza à partir da biointeração em Bispo é a compreensão que somos co-criadoras/es das realidades e estamos conjuntamente nos relacionando e interagindo. Esta ideia, segundo Bispo está primordialmente inserida nos saberes comunitários dos povos originários e dos povos quilombolas, como valores e princípios ancestrais.

Estar, portanto, em biointeração é compreender e sentir que tudo na natureza é resultado de uma inteligência, de uma organicidade e que nem sempre as nossas racionalidades - sobretudo àquelas treinadas e forjadas na compreensão ocidental/colonial dos sentidos - poderão compreender (2007). Para mim, é preciso corpo, é preciso movência em dança para construir um fluxo desta organicidade e integração.

Isto nos leva ao resgate dos modos comunitários das relações dos povos quilombolas, indígenas ou dos povos rurais do sertão, do cerrado e beira-rio como espelho de um entendimento, que compreendo como ancestral, para ver a nós mesmos, as outras/os e a Natureza como uma unidade interativa. Viver da terra e honrá-la através do canto, da música, da dança, do alimento, dos movimentos comunitários são modos de resistências contra coloniais, que podem inspirar nossas construções artísticas, por exemplo, nas cidades.

Construir danças nos quilombos ou refletirmos sobre as nossas práticas artísticas em territórios-outras é primordialmente, compreender estas relações que estão presentes nos modos de organização do povo preto, ou nos diversos aquilombamentos que re-existem desde o início da colonização até agora. Seja

²¹ Para compreender mais esta questão da colonização nos nossos corpo-sentidos, penso que a feminista Franchesca Gargallo (2013) traz uma excelente contribuição desde as perceptivas das organizações de mulheres chicanas e seus territórios nas fronteiras do México. Os saberes comunitários ancorados nas ancestralidades dos povos originários, indicam caminhos de descolonização dos sentidos na construção de diversos entendimento sobre o nosso corpo, a natureza, as nossas relações

territorial ou simbólico, nas áreas rurais, urbanas ou suburbanas, quilombo é símbolo de resistência e renascimento. E neste sentido, o professor Flávio dos Santos Gomes (2015) nos alerta em não pensarmos/sentirmos os quilombos territoriais (e aqui, corporais) como “um passado imóvel, como aquilo que sobrou (posto nunca transformado) de um passado remoto” (2015, p.7). Mas ressignificá-los a partir do fluxo contínuo do nosso próprio corpo negro em diáspora, das nossas ancestralidades e trajetórias.

E pensar quilombos e suas sujeitas mulheres no contexto da dança, talvez seja necessário restituir as ideias que ancestralmente compõem estes territórios, como a biointeração, os valores comunitários e a própria ideia dos quilombos como territórios de liberdade e inspiração.

E assim compreendo, desde a experiência, que para adentrar estes territórios é preciso tomar em consideração estas lutas e vê-las, senti-las como memória de um corpo comunitário, corpo de uma ancestralidade possuída de história, significações e valores. Compreendo a força histórica presente nos remanescentes quilombolas e vivencio desde aí a dança nestas localidades. Este é o meu agô! Este é meu pedido de licença

Corpas da Terra: Intuição, Mover e Memória

Como já foi dito anteriormente, as criações em dança do Projeto foram constituídas a partir dos 5 procedimentos metodológicos: Limpar, Sentir, Tocar, Mover e Escrever²². Mas aqui, gostaria de refletir sobre o procedimento Mover, nas experiências com mulheres quilombolas, especificamente do Quilombo Alagadiço (Bahia), trazendo primeiramente acerca deste procedimento e logo as nossas vivências e experiência em Dança.

²² Importantíssimo destacar que estes procedimentos metodológicos são práticas para o Dançar, práticas para o mover e intuir com todo corpo. Longe de separá-los como práticas independentes uma das outras, ou até mesmo de negar a potência dançante que existe no interior de cada um deles - os mesmos foram concebidos para ser uma preparação, um ritual de início para o corpo em movimento.

Neste sentido, o procedimento Mover é uma proposição de criação contínua e coletiva.

Trata-se do penúltimo ritual da oficina CorpoTerritório e sua prática estimula a energia, o movimento. O seu elemento simbólico é o fogo e é um convite à Dança depois de passar pelos rituais de sensibilização (Limpar, Tocar, Sentir). Cada movimento que surge está profundamente conectado a cada mulher no círculo. É diálogo de movimento, um movimento como pergunta e resposta. Aqui é a própria Dança em sua manifestação. Olhos atentos, coração aberto e escuta na totalidade de um corpo que se relaciona.

Para esta prática, nos dividimos entre três mulheres. Nos posicionamos e caminhamos em círculo, e deixamos que a Dança flua nesta circularidade. Nos movemos no fluxo deste encontro, a partir do toque, do olhar e da presença. Cada movimento que surge se transforma em uma criação contínua entre as três. Dançamos em movimento circular, criamos uma sinergia entre nossos movimentos. Deixamos que a própria dança nos guie, nos leve e nos abrace.

Oficina CorpoTerritório no bairro de Cajazeiras V, Salvador, 2019. Foto Rebeca Thaís. Arquivo Pessoal de Candai Calmon



Esta prática é um momento precioso para dançar e criar juntas. Permite que as corpos se abram, se expressem e dialoguem com beleza e magia. No Quilombo Alagadiço dançamos em conexão no entrelaçamento dos sentidos para uma criação conjunta. E para chegar até aqui, foi preciso caminhar e sensibilizar-se. Foi preciso os olhos fechados, o toque, o despir, desnudar-se, o tocar e o deixar ser tocada. Chegamos aqui depois de profundos e divertidos mergulhos.

Aqui a Dança se manifesta a partir dos sentidos primordiais da improvisação do movimento. Improvisação como um processo contínuo de comunicação e troca entre os corpos e os movimentos (MARTINS, 2002). A complexidade de um corpo que improvisa em movimento, e que portanto, complexifica os sentidos das presenças, constrói conhecimento e “elabora informações, age e conhece” (MARTINS, p.11).

Assim como nos três quilombos mencionados, esta prática foi feita no Quilombo Alagadiço em novembro de 2018. Conteí com a presença de dez mulheres, das quais convidei-as para as práticas de Dança CorpoTerritório por ANDA | ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA 221 intermédio da Organização Filhos do Mundo²³ em parceria com o Projeto Ater Quilombola (Assistência Técnica e Extensão Rural). Estiveram jovens e mulheres com idades entre 17 e 68 anos, negras e em sua maioria nascidas e criadas neste território. Fizemos as práticas ao ar livre, pois não havia um lugar disponível para as nossas práticas. A oficina que durou entre 1h e 1:20h, teve além de mim, a mediação da artista e pesquisadora Ariana Andrade.

A nossa busca em compartilhar este projeto era de inicialmente trazer práticas de autocuidado para o dançar, como: a automassagem, para minimizar os principais pontos de tensões em nosso corpo (rosto, pescoço, ombros, braços, lombar, panturrilha e pés); trazer as práticas de respirações profundas para sensibilizar a escuta e o estado presença como caminhos de conexão e integração com a dança.

²³ A Organização Filhos do Mundo (FEME) é uma entidade pública que atua na implantação de políticas públicas e sociais, voltadas para a Economia Solidária e para o comércio justo, fomentando e fortalecendo a agricultura familiar, o artesanato e as produções comunitárias. Através do apoio financeiro da FEME puderam adentrar os quilombos e realizar o Projeto CorpoTerritório no período de duas semanas, em novembro de 2018 e agosto de 2019. Para saber mais sobre esta organização acesse: <http://feme.org.br>

O que era e continua sendo importante pra mim é perceber quais significados estas mulheres dão em cada prática que compartilhamos, e como elas experienciam a partir de seus próprios termos, de suas memórias e conhecimento local.

A experiência com estas mulheres ao ar livre foi uma explosão de alegria e sentimento múltiplos. Muitas delas relataram nunca ter feito práticas de dança e que ali, sendo a primeira vez, tudo era estranho, engraçado, diferente. Demos muitas risadas enquanto dançávamos e tocávamos umas as outras. Algumas sentiam vergonha, outras riam tanto que não conseguiam entrar na prática. Todas as sensações que viam, eram bem vindas e acolhidas.

Vivimos sentimentos profundos. Em cada círculo e práticas dos procedimentos tínhamos um mundo novo a ser mergulhado. O tocar-se, o massagear-se, o olhar nos olhos, o fechar os olhos, o mover em dupla, trios... tudo era intenso e forte para cada uma de nós. Para mulheres, que nunca tiveram experiência com estas práticas, se tornou um desafio prazeroso experimentá-lo e disponibilizar o seu corpo/espírito para esta vivência.

Oficina CorpoTerritório, Quilombo Alagadiço. 2018.

Arquivo Pessoal de Candai Calmon





Se Dançamos com nossos corpos-memórias, dançamos também as nossas ancestralidades e linhagens, os legados das/dos que vieram antes e abriram nossos caminhos para estarmos justamente aqui, dançando. Dançamos, portanto, nosso quilombo/corpo/território movemos suas terras e seus segredos através do calor e da união dos nossos corpos. Dançamos para estarmos vivas, dançamos livremente um ritual de passado-presente-futuro materializado no agora. Dançamos nossas dores na dimensão da cura, nossos medos na dimensão da alegria, coragem e da resignificação.

Palavras nos faltam para expressar uma vivência com os corpos/saberes de mulheres quilombolas. Cada corpo presente é uma continuação de uma história viva, de um saber em biointeração com a força ancestral que compõe cada território. Somos

corpas da terra, corpos que intuem e constroem as nossas trajetórias desde a memória ancestral que nos envolve.

A ancestralidade aqui portanto, toma um lugar importantíssimo, onde costura cada fazer, cada sentido-objetivo e cada materialidade destas experiências. Penso esta ancestralidade como um espiral visível-invisível de saberes possuídos de vida e inteligência, um acasalamento dançante entre o passado, presente e futuro. A ancestralidade como “um sentido para o sentir” (ALDIBÂNIA 2014, p.134), que nos envolve em um manto experiencial, e convoca as nossas existências à busca incessante de quem somos, de onde viemos e para onde vamos.

Considerações Finais

Esta escrita pretendeu pensar os procedimentos metodológicos de dança, desenvolvidos com mulheres negras a partir do projeto CorpoTerritório. Vimos algumas das implicações específicas dos contextos dos quilombos e refletimos a dança, o corpo e o mover dentro destas experiências.

Nas dimensões da Dança, intuição e memória pudemos refletir sobre as construções de saberes artísticos femininos, cujo conhecimentos tem sido negados (e demonizados) por cosmovisões coloniais ao longo das histórias.

Para nós mulheres negras em diáspora, estes saberes nos impulsionam e nos movimentam em direção a busca dos nossos próprios corpos-danças, corpossentido como produtores legítimos de conhecimento, resgatando as nossas biointerações nas nossas trajetórias vivas, cujo os saberes foram comprometidos e invisibilizados. Corpamos portanto desde a memória e desde intuição, outros circuitos de afeto e resgate distintos das políticas de apagamento do biopoder, para que os nossos corpos ocupem a centralidade dos saberes e fazeres, nos mantendo vivas, acessíveis, visíveis.

As reflexões aqui tecidas pretendem convocar artistas/artivistas, educadoras/es, pesquisadoras/es etc. preocupadas/os em processos experienciais de dança em territórios não urbanos como resgate das memórias e saberes ancestrais, no qual

atuam-se as corporalidades femininas decoloniais e suas tentativas de ressignificações em todos os aspectos possíveis da vida.

Esta escrevivência também é um convite para refletirmos enquanto mulheres negras e da diáspora, sobre as nossas tomadas de decisões artísticas dentro das nossas comunidades e para além delas, como nos ambientes acadêmicos e a importância de produzirmos nossos próprios termos, partindo da potência que são as nossas experiências no mundo. Tanto as práticas da vida como as do Projeto CorpoTerritório, e esta escrevivência, para que sejam visíveis e fluentes, no campo da dança e da educação, construindo, cada vez mais, novos olhares e saberes diaspóricos.

Por fim, pretendo profundamente que esta escrita seja mais um caminho de acendimento de sol, como sugere a pesquisadora Aza Njeri (2020, p.1), no exercício de despertar as potencialidades femininas no interior dos corações de mulheres negras, viventes em territórios urbanos e rurais. Neste acender os nossos Sols para a construção de uma qualidade de futuro também me reconstruo, me refaço como educadora que reverencia as experiências conjuntas, quilombistas, ancoradas na memória e no legado dos e das nossas ancestrais.

Àșe!

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Débora Menezes. A categoria política quilombola na encruzilhada: um olhar Possível do Encontro das Vertentes Epistêmicas Decolonial e das Autoras Amefricanas Beatriz do Nascimento e Lélia Gonzalez. ARTIGO PARA XVI CONGRESSO INTERNACIONAL FOMERCO. UFBA, 2017.

GARGALLO, Francesca. Feminismos desde Abya Yala: Ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en nuestra América. Cidade do México: Editorial Corte y Confección, 2014. p.270

MACHADO, Adilbênia Freire. Ancestralidade e Encantamento como Inspirações Formativas: Filosofia Africana mediando a História e Cultura Africana e Afro-brasileira. Tese de Doutorado. Salvador. UFBA, 2014

MARTINS, Cleide. Improvisação Dança Cognição: Os processos de comunicação no corpo. Tese de Doutorado. São Paulo. PUC, 2002. NJERI, Aza. A Escola acende o Sol da humanidade? Blog G. Rio de Janeiro, 14 de Júlio de 2020 - Disponível em: <https://www.gabyhaviaras.com/blog-pontoposts/https/wwwgabyhaviarascom-/-blog-page-url-/-2018/2/23-/-new-post-titleaescola-acende-o-sol-da-humanidade>

SANTOS, Antônio Bispo. Quilombos, Modos e Significados. Editora COMEPI, Teresina/PI, 2007. SOARES, Lissandra Vieira e MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. Revista psicologia política [online]. 2017, vol.17, n.39, pp. 203-219.



3. Memorial

Introdução

Este Memorial é uma descrição do percurso do curso do Mestrado Profissional em Dança-Prodan, vividos ao longo dos semestres.

Neste momento peço agô à minha ancestralidade por construir este espaço de escrita e sentido, dentro das responsabilidades que são cabidas à mim no espaço acadêmico. Peço agô a Yá Oyá, dona do meu Orí para que cada palavra dita aqui flua e germine desde o meu Okàn (coração) .

O olhar que se constrói aqui sobre as trajetórias percorridas no mestrado profissional, tal como os/as sujeitos envolvidos/as é a partir de mim, do meu corpo-em-experiência e do Projeto Corpoterritório, objeto de pesquisa deste Mestrado.

Neste sentido, situo meu processo acadêmico à partir do movimento fazer-aprender-fazer ou das totalidades das experiências em que estou imersa para construir este memorial e dá-lo a significância necessária Reconhecendo os limites da língua escrita frente ao grandioso universo que são as experiências em si mesmas, no qual se vive no tempo-lugar UM, do sagrado aqui e agora.

Trago-lhes neste Memorial portanto, os principais movimentos vividos em sala de aula e fora dela e a importância destas trajetórias junto ao Mestrado Profissional em Dança, trazendo também algumas das consolidações dos aprendizados/movimentos junto as minhas andanças e trajetórias outras.

Estes movimentos são individuais e coletivos e aqui os caracterizo como complexos, transversais e intuitivos, do que se é manifestado em cada fala, cada troca, cada olhar, cada escrita e dança. Um movimento intenso de crescimento que não é linear e para frente, dentro de uma progressividade que a nossa sociedade convoca, mas flui em diversos vetores direcionais, para cima, para baixo e, inclusive para trás. São férteis e preciosas as trajetórias no Mestrado Profissional em Dança.

As experiências que se concretizaram durante os semestres de trocas intensivas entre o Prodan e o todas/os as/os sujeitos/as que estiveram nesta jornada - inspiram de diversas maneiras o meu fazer artístico no mundo. Os próprios corpos/sujeitos/pessoas que estive nessa jornada me completam em sua diversidade, diferenças e são representativas para minha história e para múltiplas subjetividades que carrego como mulher preta e quilombola urbana.

de quem vos fala

eu, semente do mundo

candai calmon, salvador- 1990



Estou mulher de Asè, quilombola urbana, feminista de comunidade. artesã, espiritualista, guardiã de práticas holísticas femininas e eterna aprendiz da Vida.

Profissional da dança, bailarina, pesquisadora e educadora. Trabalho no seguimento da Dança há 18 anos onde possuo formações e experiências artísticas dentro e fora do Brasil, (Uruguai, Argentina, Estado Unidos), sobretudo no campo da Dança Contemporânea, nos seus moldes afro referenciado, sul-decolonial e matrilinear. Neste campo tenho trabalhado com diversos profissionais, pioneiros no estudo do “corpo discursivo” e dos “estados corporais” na Dança.

Tenho formação nos Estudos de Gênero e Diversidade com foco nos Feminismos (bacharel/UFBA) e atualmente estou mestranda em Dança, dentro linha de investigação “Processos Pedagógicos, Mediações e Gestão Educacional” (Dança/Prodan-UFBA). Meus interesses artísticos articulam saberes com o “corpo feminino, linhagem e memória” pelo qual tenho desenvolvido diversas experiências artísticas e imersivas com mulheres negras e povos tradicionais quilombola, à partir dos elementos criativos da dança contemporânea, improvisação e criação. Trago estas experiências para o contexto acadêmico no intuito de produzir outras lógicas de afeto implicados à construção de conhecimento localizado, legítimo e intuitivo - subvertendo ou produzindo micro fissuras em um modo de fazer hegemônico, universalizante e excludente. Para isso me inspiro nos saberes populares e nas práticas do autoconhecimento feminino que me convocam à partir da energia da Ancestralidade, sua força e presença.

~~saber, pertencimento, intuição, respiração, Axé~

Projeto CorpoTerritório: Apresentação do Objeto de Pesquisa

CorpoTerritório é um projeto de dança gerenciado e ministrado por mim, voltado principalmente para mulheres negras, quilombolas urbanas e rurais. Se dedica às práticas de dança a partir dos saberes locais de comunidades tradicionais, sobretudo aqueles saberes que se vinculam à cultura popular e ao autoconhecimento como um potencial de cura ancestral entre as mulheres e suas comunidades.

Nascido em 2018 no território do Quilombo Lages dos Negros (BA) com sua primeira imersão voltada para mulheres negras, o projeto tem trilhado um caminho com o objetivo de promover e multiplicar práticas artísticas de dança para o mantimento do autocuidado pessoal e comunitário nos remanescentes quilombolas (rurais e urbanos), com intuito de fortalecer os saberes locais e construir outras possibilidades artísticas integrativas.

Assim, CorpoTerritório tece sua jornada através de oficinas imersivas de dança, com dinâmicas individuais e coletivas, trazendo também os elementos da escrita criativa e de práticas holísticas como a automassagem, a aromaterapia e respiração na suas jornadas. Os procedimentos - que aqui também se configura como uma das principais bases das formações artísticas continuadas, objeto de pesquisa deste mestrado - são práticas criativas partilhadas neste projeto e estão ancorados em cinco verbos-ação: *Limpar, Sentir, Tocar, Mover e Escrever*. Estas ações são pontos de partidas para criação em Dança e nos permite viver experiências em movimento, no coletivo. Também, em cada uma destas ações estão guardados reflexões e saberes que se vinculam as experiências raciais e de gênero, a exemplo do procedimento “Limpar” que se traduz como uma tentativa de limpeza das memórias de dores que atravessam nossos corpos de mulheres negras ao longos das nossas trajetórias.

O projeto que tem como principal proposta a construções de práticas para o autoconhecimento feminino e negro a partir da investigação corporal. Já reuniu mais de 180 mulheres entre os quilombos - Lages

dos Negros, Alagadiço, Pacuí e Bebedouro(BA), no que se constituiu em ações de continuidade e desdobramento para outros espaços/contextos, a exemplo da periferia de Salvador (Cajazeira V) e do norte da cidade de Chicago/USA, do qual CorpoTerritório foi convidado por duas vezes no ano de 2019 a desenvolver seu trabalho em um programa de intercâmbio.

Oficina CorpoTerritório com Mulheres Negras do Quilombo Lages dos Negros/BA. Arquivo Pessoal



Projeto de Pesquisa Mestrado Profissional PRODAN-UFBA

Objetivos ou propósitos maiores

- Revisitar o Projeto CorpoTerritório desenvolvido nas comunidades quilombolas rurais e urbanas, ao longo dos anos de 2018 e 2019, e seus procedimentos metodológicos para possibilidades de multiplicação artísticas em Dança.

-

Objetivos Específicos ou dos propósitos específicos

- Sistematizar cinco das principais práticas e procedimentos metodológicos para criação. São eles: *Limpar, Sentir, Tocar, Mover e Escrever*.
- Vincular estes procedimentos às “práticas do sensível” como instrumentos de registro e re- elaboração de outras fazeres em Dança.
- Suscitar a formação de multiplicadoras em dança em territórios rurais de remanescentes quilombolas, a partir dos procedimentos metodológicos do projeto corpoterritório, voltado para mulheres quilombolas.
- Elaborar uma “saia de saberes corpados” com os cinco procedimentos sistematizados e apresentá-lo artisticamente como produto final da pesquisa em Dança Prodan.

Procedimentos Metodológicos

-Elige-se a “pesquisa ação” com entrevista e relatos de experiências como possíveis abordagem dos procedimentos metodológicos, cabíveis às trajetórias do projeto CorpoTerritório e seus fluxos educacionais nos territórios quilombolas.

Memorial: Fluxos e Trajetórias do Sentir - *Curriculum comentado*

Aqui trago as experiências partilhadas em sala de aula no decorrer de três semestres (2019.1 2019.2 e 2020.1) do curso PRODAN. Estas experiências se deram nos componentes curriculares: *Abordagens e Estratégias para Pesquisa em Processos Educacionais em Dança* (2019.1); *Projetos Compartilhados* (2019.) *Tópicos Interdisciplinares em Dança e Contemporaneidade* (2019.2) Além das orientações por Márcia Mignac e dos componente optativos *Etnografias da Dança* (2019.2) e *Tópicos em Gênero II* (2010.1).

Daqui construo um fio invisível ao nossos olhos - que perpassa no profundo das minhas experiências cotidianas, dançadas em diversas dimensões da minha subjetividade e da ancestralidade - para tecer os acontecimentos que se deram durante as trocas em sala de aula, com professores (as) e estudantes se tornando uma potente construção de aprendizado contínuo.

São a partir de lugares de autoenunciação que reconheço que essas experiências de aprendizados são transversais e potencialmente temperadas por micropolíticas dos saberes cotidianos.

Trazer os currículos cursados no PRODAN é reconhecer também o fluxo interminável de aprendizados que se manifesta durante o tempo e a vida, sendo manifestado ali em cada pesquisa, em cada estudo e sujeito (a) que a constrói. As trocas em coletivo sempre serão poderosas e construtivas para nós que amamos a diversidade e os saberes de múltiplas direções.

Vamos juntxs!

Projetos Compartilhados 2019.1

Aconchego

Este componente foi o primeiro a ser cursado e por consequente, o boas vindas para nós recém chegadas (os) ao mestrado profissional. Ministrado por Beth Rangel, Rita Aquino e Fernando Ferraz, este componente se tornou para mim um lugar confortável, interessante e aconchegante de construir conhecimento, no qual senti respeito, confiança com um corpo docente totalmente entregue e disponível

Receber esta energia de afeto logo de início mostrou a mim - artista/estudante/pesquisadora e tudo que envolve minha trajetória, os outros lugares que como a academia pode ocupar e ser possível.

Trazendo a potência deste corpo docente, como pessoas maravilhosas que já admiro na vida, gostaria de destacar três formas de fazer/ser conhecimento proposto pelos mesmos, do qual inspirou poderosas alternativas junto ao **projeto corpoterritório**:

Modo fazer ou Proposta do Componente	Por quê?	Vínculo com o Projeto CorpoTerritório
-Aula ministrada por três pessoas;	-Noções de uma construção educacional conjunta. partilhada e multifocal; -Um componente curricular ministrado em conjunto é confrontar as maneiras clássicas de uma docência solitária; -Convoca-se um constante respeito à diversidade, a alteridade e aos lugares de fala;	-As oficinas do CorpoTerritorio tem a mim como guardiã e facilitadora da proposta-mãe, mas o seu modo-fazer é totalmente entregue ao desejo coletivo; Aqui não se apresentam hierarquia de saberes, pelo contrário, é partir do arcabouço de saberes e experiências coletivas e comunitárias, que a oficina segue seu fluxo Sendo portanto a oficina também ministrada pelas participantes;
-Proposta de falar sobre experiência na pesquisa como uma atitude legítima e não neutral	-Encontramos ainda na academia que o sujeito (a) que pesquisa deve jogar fora toda e qualquer experiência	O projeto CorpoTerritorio inicia-se convocando as sagradas experiências para a roda; Aqui sem experiência não há corpo; Todas as

	<p>pessoal ao construir sua prática científica; O pensamento neutro e objetivo, tão defendido pelas metodologias científicas clássicas, não assumem a identidade, a experiência, e a subjetividade de quem as constroem; Graças às deusas muitas mudanças tem ocorrido nesta forma de pensar que também é um posicionamento político no mundo, projetado a partir da ideia do "sujeito universal" (branco homem hetero ocidental) como principal exemplo identidade suprema e fazedor de ciência; (SARDENBERG, 2002)</p>	<p>experiências são bem vinda e legítimas ao nosso encontro; Quem sou eu, de onde venho, porque estou aqui - tudo que sou é legítimo e tem sua força.</p>
--	--	---

Abordagens e Estratégias para pesquisa em Processos Educacionais em Dança - 2019.1

Prática

Este componente foi apresentado por Cecília Accioly e Lenira Rengel como conteúdo obrigatório da linha: Processos Pedagógicos, Mediação e Gestão Educacional em Dança.

Os momentos vividos em sala de aula foram de grande importância para refletir sobre a prática educativas, especialmente as noções, teorias e abordagens que temos utilizados nas nossas experiências educacionais. A maioria dos estudantes que estiveram presentes são educadores/as e pudemos compartilhar de experiências específicas neste campo.

Junto a estas professoras que já estão no campo educacional por muito anos (destaco aqui Cecília, da qual fui aluna no componente Ballet Clássico básico na Escola de Dança FUNCEB entre os anos de 2005 e 2007) - pudemos aprofundar as noções básicas dos conteúdos educacionais institucionais tais como: Pedagogia, Didática e Metodologia do qual, tornou-se um conteúdo muito discutido durante todo o semestre;

Participar deste componente potencializou ainda mais as minhas práticas em campo, sobretudo aquelas relacionadas a estruturação de ideias do como-fazer e como-organizar um conteúdo artístico educativo. Dentre muitos momentos de trocas que vivimos neste componente gostaria de registrar este momento abaixo:

Modo fazer ou Proposta do Componente	Por que?	Vínculo com o Projeto CorpoTerritório
Estudo e trabalho coletivo a partir do texto “Infância, Ubuntu e Teko Porã: Elementos gerais para Educação e Ética Afroperspectivistas” (2018);	Um estudo proposto para pensarmos outras formas de ensino-aprendizagem a partir das filosofias e práticas do cotidiano de comunidades africanas (Ubuntu) e indígenas (Teko Porã).	Uma das buscas eminentes do projeto Corpo Território é aprofundar em prática e experiências do cotidiano para vê-lo e significá-lo de uma outra maneira. A exemplo temos o fechar os olhos e caminhar pelo espaço junto com uma pessoa guiadora. O objetivo dessa prática é ativar os

		sentidos para perceber aquele território e todos os seus elementos de uma forma não habitual.
--	--	---

Tópicos Interdisciplinares - 2019.2

Alegria

O componente projeto compartilhado ministrado por Beth Rangel e Antrifo Sanches foi um daqueles componentes alegres e cheio de novidades a cada semana. Consistia em convidar uma (o) artista/pesquisadora(o)/educadora(o) para partilhar seus trabalhos e suas trajetórias. A cada semana uma/um convidado nos preenchia de inspirações contando suas experiências de ativismo e de educação pelo mundo.

O combinado era nós artista/estudantes conhecermos estas trajetórias e vinculá-las ao nosso projeto.

Abaixo destaco estes principais vínculos:

Modo fazer ou Proposta do Componente	Por que?	Vínculo com o Projeto CorpoTerritório
Convite a profissionais com experiências diversas para apresentação sobre suas trajetórias; Tecer pontos de semelhanças e diferenças estas trajetórias e as nossas;	Sobre diversidade! A potência de aprender e partilhar experiências com diferentes profissionais do mundo artístico é maravilhoso; Ativar o corpo-escuta, aprender com os/as mais velhos/as e beber da fonte do conhecimento maduro.	O projeto corpoterritório tem convidado diferentes artistas para contribuir e aportar no curso do seu desenvolvimento. A presença destas pessoas fertiliza a nossa terra com alegria amor e muito saber. Temos a dançarina e pesquisador Ariana Andrade e a cineasta Rebeca Thaís.
Compreender o fenômeno da multirreferencialidade na construção de saberes;	A ideia de “multirreferencialidade” - esboçada por diversos autores/as, das quais destaco a professora e convidada deste componente Teresina Froes e suas preciosas abordagens sobre os “múltiplos espaços multirreferenciais da educação” (2012) - integram, sem dúvida, os intentos históricos em compreender que o conhecimento está difundido em todas esferas do nosso cotidiano e não	O que se prioriza nas oficinas corpoterritório é sem dúvida as experiências do cotidiano e os saberes populares que estão circunscritos no corpo como memória viva de conhecimento e desejo. A multirreferencialidade aqui está presente em nossa a roda e constitui o arcabouço bem colorido e diverso das nossas experiências;

	somente nos espaços institucionais de educação;	
--	---	--

Prática Profissional Orientada

ORÍ - entação

Os encontros e trocas junto a minha orientadora Profa. Dra. Márcia Mignac tem nutrido tomadas de decisões certeiras diante de como operar frente a esquematização de ideias e experiências no contexto acadêmico. A sua experiência como mulher, mãe, intelectual, docente e tantas outras potências me permitiram ter um olhar mais integrativo e organizativo com a minha pesquisa. Estamos trabalhando há 1 ano e sementes muito potentes estão sendo semeadas, tanto no projeto CorpoTerritório como na dimensão da minha própria vida. Destaco uma destas ações:

Modo fazer ou do Proposta Componente	Por que?	Vínculo com o Projeto CorpoTerritório
Práticas de sistematização das ações metodológicas do projeto CorpoTerritório.	As práticas de sistematização das ações metodológicas do projeto, propostas pela orientadora Márcia Mignac se tornou um importante primeiro passo para destrinchar o modo fazer do projeto e apresentá-lo no contexto acadêmico. Tornou-se necessário esquematizar passo a passo todas ações compostas no projeto, localizando cada procedimento Limpar, Sentir, Tocar, Mover e Escrever e os signos contidos neles.	Está prática de sistematização tem ajudado no processo de escrita do projeto corpoterritório e principalmente ajudado a pensar cada prática e todos os signos contidos nelas. Como exemplo temos a sistematização dos procedimentos metodológicos das oficinas: Limpar, Sentir, Tocar, Mover e Escrever, proposta pela orientadora e integrada para organização das oficinas. Desse modo, o próprio projeto integrou as ações de sistematização metodológicas dentro do seu próprio fazer/ser

Etnografia da Dança 2019.2 (optativa)

Balancear

Este componente proposto pelo professor Fernando Ferraz se tornou uma das belezas a serem cursados no segundo semestre do mestrado profissional (PRODAM). Com um foco nos saberes antropológicos aplicados às nossas realidades, o professor direcionou este componente com muita destreza, cuidado e escuta do coletivo. Eu, juntamente com os/as meus colegas de sala nos sentimos plenos/as e a vontade em compartilhar os nossos saberes sobre os modos de fazer e pesquisa em Dança. Ao final produzi um vídeo dança intitulado “Dentro e Fora” (vê no link de acesso no apêndice).

Modo fazer ou do Proposta Componente	Por que?	Vínculo com o Projeto CorpoTerritório
Estudo à respeito do conceito e das ideias-chaves sobre a etnografia e a ética necessária do/da pesquisador/a, sobretudo o/a pesquisador/a artista em campo.	Como profissionais da dança - pesquisadoras/es, docentes e dançarinas/os - torna-se importante refletirmos sobre os modos de chegadas ao campo de pesquisa, à partir de um lugar afetivo-responsável e principalmente atentas/os ao saberes ali localizados. As práticas etnográficas, sobretudo com os viés decoloniais, feministas e localizados, podem se configurar um aporte teórico e metodológico necessários para nossa pesquisa.	O projeto CorpoTerritório tem sua trajetória marcada pela comunidades tradicionais quilombolas. Ao chegar em campo eu, como artista e pesquisadora percebi a necessidade de afinar as práticas de dança já construídas junto aos saberes ali localizados. Neste sentido, beber de fontes sobre etnografias, sobretudo decoloniais, feministas e localizadas - tornou-se importante pra mim.

Tópicos Especiais de Gênero II - 2020.1 (optativa, em curso)

Suleando

Este componente é proposto pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre a Mulher (NEIM). A partir da pesquisa Corpoterrítório, sobretudo o viés sobre as mulheres, gênero e experiência contidas no projeto, vi uma oportunidade de fortalecer estes estudos junto a este componente. Apresentado pela profa. Caterina Alessandra, Tópico Especiais de Gênero II pretende analisar o aprofundamento das contribuições teóricas feministas e queer oriundas do Sul global e das minorias racializadas neste recorte político-geográfico. Por conta da pandemia e do calendário suspenso, não podemos dar continuidade ao curso. Mas do pouco que compartilhamos gostaria de destacar abaixo:

Modo fazer ou do Proposta Componente	Por que?	Vínculo com o Projeto CorpoTerrítório
Cruzar as perspectivas dos feminismos e das teorias transnacionais para pensar a conformação das lutas das mulheres aqui no Brasil, pode se tornar um potente exercício reflexivo para compreender também (algumas) histórias de nós mulheres.	Pensando nas questões de gênero e raça, seus sistemas de opressão e/ou privilégios que atravessam os corpos das mulheres em diáspora - ao refletir a partir das práxis decoloniais feministas e queer, poderemos ter alguns suportes teóricos e metodológicos no combate a desigualdade de gênero.	O projeto corpoterrítório tem como público principal as corpos de mulheres negras. Neste fluxo pensar os movimentos globais de mulheres, sobretudo na américa latina nos dão suportes e abertura de horizontes para compreender a nossa experiência local. O projeto corpoterrítório bebe e se nutre dos saberes femininos.

Participação em Atividades

- **Acadêmicas**

2020.1 Curso de Extensão Comunidades, Indígenas, e Quilombolas: Cultura, Terra e Identidade.

2020.1 *Seminários Formativos do Grupo de Estudos Corpo-território Decolonial*. Ouvinte.

2020.1: Curso de extensão: “*Cosmovisões negras e indígenas: Contra-colonialidade e pensamento geográfico*”. UNEB/65 horas.

2020.1: *I Seminário de Representatividade, Direitos e Saúde Mental LGBTIQ+*. Ouvinte. CRP-03,11 horas.

2020.1 Apresentação do seminário “*Corpo, Criação e Introspecção: Implicações Raciais e de Gênero nas Produções artísticas de Mulheres e Homens Negrxs*” juntamente com meus colegas PRODAM, Luísa Meireles e Leonardo Luz. Congresso da UFBA.

2020.1 Curso de Extensão: “*Filosofias do Sul, Descolonização e TransColonialidade*”. UNEB/30 horas.

2020.1 Curso de Extensão: “*Gênero e Cultura*”. NEIM-UFBA/ 30 horas.

2020.2 6º Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA. Apresentação Oral intitulado *Corpas da Terra, Corpas Intuitivas: Notas sobre fazeres em Dança junto à Mulheres Quilombolas no Comitê Temático Dança e Diáspora Negra*. 2020. 40 horas.

2021.2 IV GIRA Filosófica: *Corpo Memória: Mulheres Negras, Luta e Ancestralidade*. Participação Oral.

- **Principais atividades Vinculadas ao projeto
CorpoTerritório**

2020.1 Participação em rodas de debates virtuais (LIVES) trazendo as bases artísticas e de pesquisa do Projeto CorpoTerritório. (Vê Apêndice)

2020.1: Apoio financeiro ao CorpoTerritório pelo Edital Latinidade Pretas - Para este edital propus um vídeo auto etnográfico sobre a história do projeto ao longo destes (quase) 3 anos de existência. Trouxe os principais momentos vividos nos territórios quilombolas (urbanos e rurais) e as aprendizagens construídos com mais de 180 mulheres. O título do vídeo que tem 30m se chama "*CorpoTerritório: Trânsitos e Poéticas de um Corpo que pulsa*". (Acesse o vídeo no apêndice)

2020.1: Apoio financeiro ao Projeto CorpoTerritório pelo Edital Setorial da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SECULT). CorpoTerritório foi um dos 12 projetos finalistas na seleção de proposta para este chamado público, que conteve mais de 300 propostas. Propus a construção de um *livro paradidático*, resultado de pesquisas e imersões em 3 territórios quilombolas do Estado da Bahia. Neste momento estamos nos ajustes finais de assinatura do contrato para iniciarmos o projeto.

2020.1: Proposta de mini-curso online intitulado "*eu-semente: Revisitando as Trajetórias CorpoTerritório em Tempos de Transição*". Nos dias Dias 30/04, 07/05, 14/05 e 21/05 de 2020 este minicurso foi ministrado por mim como mais um desdobramento do projeto, com encontros às quintas feiras na plataforma zoom. Fiz um encontro com mulheres que participaram das oficinas em algum momento para partilhar das principais ideias-guianças do projeto. Este encontro teve uma potência gigantesca e estamos trabalhando com o arquétipo da semente para pensar nosso modo de existência no âmbito do corpo, da intuição e da territorialidade. (Acesse o cronograma no apêndice.)

2020.1: Proposição e co-Organização do evento online: "Uma coisa leva a outra: cinco processos criativos de Artistas negras gerenciados no Atlântico Sul". Em parceria com Instituto Goethe Bahia, por viabilização e indicação de Beth Rangel e Antrifo Sanches (UFBA-PRODAM), fui convidada pelo diretor do Goethe, Manfred a compor temporariamente a secretaria da Programação Cultural deste instituto, contribuindo e propondo eventos para toda a comunidade artística. Dentre muitas ações, propus uma roda de conversa entre artista do Brasil e África do Sul, com uma conversa online sobre processos criativos autogestionados. (Acesse o conteúdo no apêndice)

2019.2: Participação em Intercâmbio: *Close To There*, Chicago USA. Em Agosto de 2019 fui convidada por parte da Curadoria Internacional Flotar Programa (México) a compor a equipe de artista em um evento artísticos de artistas de diversas linguagens. Com o projeto CorpoTerritório, além de muitos outros eventos tive a oportunidade de ministrar uma oficina no instituto afro americano Dorchester (Chicago). (Acesse este conteúdo no apêndice).

2019.1 Apresentação do Projeto CorpoTerritório no Ateliê de Arte Comfort Station, Chicago USA. Em maio de 2019 fui convidada para apresentar no Comfort Station o projeto CorpoTerritório. Com a captação de recurso pelo edital de Mobilidade da Secretaria de Cultura da Bahia (SECULT) pude viajar aos Estados Unidos e ministrar uma oficina para mulheres negras na cidade Chicago.

2021.1 Proposta de Minicurso "eu-semente: minicurso de Dança para o Autocuidado"; Com o apoio do Goethe Bahia, minicurso foi ministrado na plataforma Zoom para 30 mulheres de todo país e Portugal.

2020.1 Participação no I WEBNÁRIO: Interseccional de Dança do Salão. Entendendo as Danças de Salão à partir da Interseccionalidade.

2020.2 Participação no Evento Internacional América Latina e Espanha: "Pre ellas Culturas: Actives Sin Fronteras. Como crescer en Emergencia Cultural?"

2020.2 Participação no Festival In- Out. Apresentação colaborativa de performance com a criação “7 Flechas”.

Considerações Finais

Comunidade Global Pandêmica e Poéticas de um Corpo Sagrado

Como palavras finais, que em realidade não se finda mas apresentam como possibilidades de diversos recomeços e caminhos, agradeço poder tecer este memorial e, portanto, convocar as principais lembranças que se resguardam em mim durante este período cursado no PRODAN. Agradeço e honro a cada docente e discente que plantou sementes de conhecimento e experiências com palavras, gesto, movimento, sentimento, pensamento e todas as dimensões que nos compõem.

Escrevo este memorial recém iniciada no candomblé de Ketu, no Axé Abassá de Ogum pelas mãos da Yalorixá Jaciara Ribeiro de Osún. Neste poderoso fluxo me encontro vivendo um processo iniciático, resguardada pela ancestralidade africana, ameríndia e diaspórica, no que me envolve em um manto de paz em meio a um caos (necessário) planetário. Navego todos os dias por sensações de medo, ansiedade e incertezas, mas também tenho pela fé, energias de cura e restaurações potencializadas por Gaya ou a grande energia desta mãe que chamamos Terra.

Portanto quero registrar aqui que a confecção deste memorial e de outras produções foram feitas em um momento pandêmico, com a circulação do coronavírus e nestas produções estão impressas, marcadas e atravessadas por tudo que é e representa este momento.

As bençãos que -em contra corrente - estão sendo derramadas por esta força neste momento, são inúmeras e posso sentir em mim, na minha casa, na minha família e em todas as dimensões visíveis e invisíveis da minha vida. Neste sentido meu corpo tem pulsado pelo sagrado como uma dimensão do cotidiano, palpável alcançável e inerente a minha natureza. Este sagrado não está distante mas brota do centro do meu corpo e irradia de forma poderosa para o Universo e afins. Este sagrado é legítimo e o modo de pensar racional e fragmentado aqui não dão conta.

A mente não é mais o centro da inteligência, da cognição e das memórias; O corpo por inteiro é.

Neste sentido, estou transitando por perspectivas (e reforço aqui suas complexidades e não linearidade) de um corpo habituado com a razão para um corpo intuitivo e do coração (ROSA, 2019. p13) que se permite viver os vazios do não-saber e se nutrir de harmonia e expansão.

Nesta força global que no convoca a reflexão sobre nós, sobre o/a outro/a e sobre a Vida - agradeço imensamente de estar mergulhada em um fazer que caminha junto com o meu autocuidado, como uma constante busca pelo despertar das minha potências -*corpo, alma e espírito*- e seus desenvolvimentos por e para o mundo.

Este memorial é fruto de todas estas camadas que me atravessam. Agradeço profundamente poder tecê-lo neste e por este momento.

Asè!

BIBLIOGRAFIA:

BURNDHAM, Teresina Fróes. Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem: currículo, educação à distância e gestão/difusão do conhecimento. EDUFBA. 2012

NOGUERA, Renato e BARRETO, Marcos. Infância, Ubuntu e Teko Porã: Elementos gerais para Educação e Ética Afroperspectivistas. *Childhood; philosophy*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, set.-dez. 2018, pp. 625-644.

ROSA, Laila. Trânsitos e Conexões Sagradas Feministas e Musicais de Abya Yala entre Brasil e México. Laila
Revista Brasileira de Estudos da Homocultura Vol. 02, N. 03, Jul. - Set., 2019.
Acessível em: www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. “Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista?”. In: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. *Feminismo, ciência e tecnologia*. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002. p. 89-120.



4. Apêndice

Item 1 - Oficinas CorpoTerritório, Quilombo Urbano Cajazeiras V.

Fotos Carolina Silva

(Todas as fotos são do arquivo pessoal)



Item 2 - Oficinas CorpoTerritório, Quilombo Lages dos Negros e Alagadiço.

(Todas as fotos são do arquivo pessoal)



Item 3 Oficinas CorpoTerritório, Quilombo Lages dos Negros, Quilombo Alagadiço, Quilombo Patos

(Todas as fotos são do arquivo pessoal)



Item 4 Oficinas CorpoTerritório, na cidade de Chicago com Mulheres Negras.

Fotos Jordan Martins

(Todas as fotos são do arquivo pessoal)



Item 5 - Croquis "Saia de Saberes Corpados" por Ney Lima - VERSÃO I



Item 5 - Croqui "Saia de Saberes Corpados" por Ney Lima - VERSÃO II





5. Anexos

ANEXO A: Certificados Acadêmicos



CONGRESSO VIRTUAL UFBA
18 A 29 DE MAIO
UNIVERSIDADE EM MOVIMENTO 2020

21/05
10:00 - sala i

MESA: CORPOCRIAÇÃO E INTROSPECÇÃO: IMPLICAÇÕES RACIAIS E DE GÊNERO NAS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS DE MULHERES E HOMENS NEGRXS

CANDAI CALMON **LUIZA MEIRELES** **LEONARDO LUZ**

MESTRANDAS/O – DANÇA PRODAM/ UFBA

PARA ASSISTIR, ACESSE:
WWW.CONGRESSO2020.UFBA.BR OU
FACEBOOK.COM/CONGRESSOUFBA OU
YOUTUBE.COM/TVUFBA

Certificado

Certificamos que

Candai Calmon Bispo dos Santos

Participou como OUVINTE do Projeto de Extensão "COSMOVISÕES NEGRAS E INDÍGENAS: Contra colonialidade e pensamento geográfico", desenvolvido e organizado pelo Laboratório Saberes Geográficos e Alteridade (SABGEO) e pela Linha de Pesquisa Culturas, Identidades e Corporiedades (TECEMOS) da Universidade do Estado da Bahia, Câmpus IV e XI, entre os meses de Maio e Junho de 2020. Carga horária: 65 horas.

JACOBINA – BA, 27 DE JULHO DE 2020.


João Silva Rocha Filho
Diretor Uneb DCH-IV




Juliana Salvadori
Coordenadora NUPE

Certificado

Certificamos que

Candai Calmon Bispo dos Santos

Participou do Curso de Extensão "Comunidades indígenas e quilombolas: cultura, terra e identidade", Primeiro Módulo do Projeto EDUQUI: "Educação, identidade e alteridade: educação quilombola, comunidades negras e indígenas", promovido pelo Laboratório Saberes Geográficos e Alteridade (SABGEO) do Departamento de Ciências Humanas (DCH IV) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), durante os meses de Agosto a Novembro de 2020, com uma carga horária de 60 horas.

JACOBINA – BA, 15 DE DEZEMBRO DE 2020.


João Silva Rocha Filho
Diretor Uneb DCH-IV




Juliana Salvadori
Coordenadora NUPE

5º Seminário Biopolíticas e Mulheres Negras: Práticas e Experiências contra o Racismo e o Sexismo

Certifico que

CANDAI CALMON BISPO DOS SANTOS

participou do **5º Seminário Biopolíticas e Mulheres Negras: Práticas e Experiências contra o Racismo e o Sexismo**, no dia 24 de julho de 2020, realizado na modalidade teletransmissão, por meio da plataforma Microsoft Teams, com carga horária de 8 horas.

Salvador, 24 de julho de 2020.


Tiago de Almeida Quadros
Promotor de Justiça do MPBA
Coordenador do CEAF



CERTIFICADO

Certificamos que Candai Calmon Bispo dos Santos participou do I Seminário de Representatividade, Direitos e Saúde Mental LGBTI no dia 25 de junho de 2020 com carga horária total de 10 (dez) horas.

Rua Prof. Aristides Novis, 27
Federação, Salvador - BA.
www.crp03.org.br
facebook.com/crp03
crp03


Renan Vieira
Presidente do XVI Período - CRP03
União 2020 - Pioneiros do Movimento



ANEXO B: Principais atividades Vinculadas ao projeto



CorpoTerritório





CASA RESPEITA A MINHA ONE THING LEADS TO ANOTHER

Five black woman artists from the South Atlantic in conversation about creative process

08/05 - 4 pm (Brazil) / 9 pm (South Africa) LIVE

 LÓIA FERNANDES (BRAZIL)	 LINDIWE MATSHIKIZA (SOUTH AFRICA)	 MNENYA KABWE (ZAMBIA/SOUTH AFRICA)
 CANDAI CALMON (BRAZIL)	 LUIZA MERELES (BRAZIL)	 MIRA SILVA (BRAZIL - FACILITATOR)

FACEBOOK LIVE: @GOETHE.BAHIA | @GOETHE.JOBURG
BILINGUAL INTERPRETATION IN PORTUGUESE AND ENGLISH

Marte PRODUÇÕES CULTURAIS GOETHE INSTITUT Unidas GOVERNO DO ESTADO DE BAHIA

Candai Calmon BR



CLOSE
TO THERE

Aug 09 - 19, 2019
Chicago, IL

PERTO
DE LA



Aug 09 - 19, 2019
Chicago, IL

PERTO
DE LA

ualí nasceu em Riozinho, o Sul, 1972. Como artista ha com escultura, fibras. Ela gosta de itura, bordados e outros os e esquecidos. estre em artes visuais gosta de ensinar, esquisas poéticas, onversas sobre arte. Ela a do Projeto Ativa e suas , Riso Ativa e Ativa Vive e trabalha em de 2002.



Edbrass Brasil é um artista sonoro, educador e pesquisador. Edbrass também é produtor e organizador ativo da cena musical experimental em Salvador, onde desenvolveu um intenso intercâmbio com músicos e artistas de todo o Brasil e do mundo. Em sua prática artística, ele investiga a manipulação e colagem de gravações e amostras, juntamente com o uso de instrumentos de sopro não convencionais, percorrendo diferentes processos criativos, com ênfase na improvisação livre e na



Patricia Almeida é formada como arquiteta e urbanista e trabalha profissionalmente em dois campos principais. Como fotógrafa, ela desenvolve projetos autorais e cobre eventos e performances teatrais. Como designer, é co-fundadora e colaboradora do coletivo TANTO - Criações Compartilhadas, cujo trabalho percorre as áreas de design gráfico, edição, artes visuais, arquitetura e planejamento urbano.



Candai Calmon é uma mulher negra, quilombola urbana, feminista da comunidade. Ela é uma dançarina profissional, bailarina e educadora. Trabalha no campo da dança há 18 anos, onde obteve uma educação artística no Brasil e no exterior, concentrando-me na dança contemporânea em suas práticas mais afro-referenciais, descoloniais do sul e feministas. Nesse campo, ela trabalhou com vários mentores que são pioneiros no estudo do "corpo discursivo" e dos "estados corporais"

I WEBNÁRIO:
INTERSECCIONAL DE DANÇA DE SALÃO
 "Entendendo as Danças de Salão a partir da Interseccionalidade"




Prof. Dra. Debora Pazetto Prof. Candai Calmon

🕒 28/11, às 19h
 📍 YouTube .com/Grupo Dois em Um

Realização:  Apoio Institucional:  

Eu-semente:
 minicurso de dança
 para o autocuidado

COM: CANDAI CALMON

10, 17 E 24 DE ABRIL
 E 1º DE MAIO
 (SÁBADOS), DAS 8H ÀS 11H

PELA PLATAFORMA
 ZOOM MEETING

GRATUITO

18 INSCRIÇÕES

📍 ATÉ 6 DE ABRIL EM
[HTTP://BIT.LY/EUSEMENTE](http://bit.ly/eusemente)
 FOTO POR JUH ALMEIDA

APOIO  GOETHE
 INSTITUT



IV GIRA FILO SOFICA

#VersãoOnline

CORPO MEMÓRIA: mulheres negras, luta e ancestralidade

Transmissão ao vivo:  Grupo GIRA  @grupogiraufba

Candai Calmon



Inah Irenam



Lia Maria



Jô Gomes



Leticia Menezes



29 de julho

quinta-feira

19 horas



Acessível
em Libras



Realização



www.grupogira.com.br

ANEXO C: Questionário de Entrevistas para participantes do Projeto CorpoTerritório - Online. Março de 2021

Nome:

Idade:

Território:

Ocupação:

1 Como foi participar do Projeto Corpoterritório?

2 Quais práticas você lembra? Quais delas ficaram na sua memória? Você pode falar um pouco sobre elas?

3 Como foi dançar entre mulheres? Como você se sentiu?

4 Quais práticas da oficina você mais gostou? Massagem? Toque? Dançar intuitivamente? Escrever? Caminhar na Terra? Me conte um pouco da sua experiência junto às práticas.

Respostas do Questionário das Participantes do Projeto CorpoTerritório - Online

- **Carine Almeida, mulher negra, 27 anos, graduanda em Nutrição, residente de Salvador**

1 R.: Foi inovador participar do corpo território pois nunca havia tido contato com a dança dessa perspectiva de sentir o toque, o corpo, a respiração, a mente, as emoções, as interligações mesmo entre corpo e mente. Então, pra mim foi muito curioso o fato de me autoconhecer através da dança com esse olhar mais cuidadoso.

2 R.: Um dos que eu mais gostei e tenho na memória até hoje era o exercício onde a gente deitava no chão totalmente relaxada enquanto a parceira de dança fazia um espécie de massagem com as pontas dos dedos por todo nosso corpo. Era uma sensação única, prazerosa, era o momento que eu me desligava de tudo e só relaxava!

3 R.: Trocar energia com mulheres, principalmente pretas, foi acolhedor e muito prazeroso. Cada uma com sua potência e se despidendo de vários tabus pra poder se entregar na hora da dança e de se conectar com as outras mulheres da roda.

4 R.: Massagem, toque, dança, acho que um pouco de cada, tudo se encaixou ali naquele lugar com toda certeza.

- **Ariana Andrade, mulher branca, 32 anos, artista do corpo**

Hoje revisito meu Corpo Memória, para tecer as impressões do Corpo Território vivido em 2018, em quilombos da Bahia, que vem se dilatando e alimentando meu modo de SER/EXISTIR.

Caminhei por terras vermelhas, partilhei dias com mulheres Negras, Rezadeiras, Parideiras, Professoras, aprendi com as crianças... pisei em chão forte, mergulhei em águas cristalinas que brotam do semiárido baiano, fui acalentada pelos cactos do caminho.

Ter acessado e participado do **PROJETO Corpo Território** foi acessar memórias ancestrais, me permitir ao que estava posto naquele tempo presente, fui abrigo e abrigada por Mulheres potentes. Práticas corporais alicerçadas no toque, mãos que sempre foram guianças, massagens que acalentavam as dores do Ser, desembocando em lágrimas e sorrisos.

Dançar com Mulheres é dançar com o Sagrado,

Dançar com Mulheres Negras,

e de territórios de Resistência,

é atravessar Portais,

entender nossa existência,

é SilenciAR para ouvir.

Todas as práticas compartilhadas, foram acolhidas e necessárias,

Na gira das Rodas GirAMOS,

TOCAR,

OLHAR,

ABRAÇAR,

Dancei intuitivamente,

Ginguei com irmãs de Caminhos,

Sambei em TERRA VERMELHA,

Germinei no Quilombo

Lage dos Negros,

Alagadiço,

Me achei no Sumidouro,

Me banhei em territórios de Afetos

e no meu CORPO TERRITÓRIO,

Carrego a força das mais Velhas,

o chá compartilhado,

a força de de d. Benedita,

de um território FORÇA.

GRATIDÃO PELA PARTILHA!

Ariana Andrade

- **Rani Thaline de Alcântara Teles, mulher negra, 28 anos, mestranda/estudante, residente em Salvador**

1 R.: pra mim foi bem importante pq as aulas se tornaram um instrumento de autoconhecimento, a cada exercício era uma oportunidade de acessar alguma parte de mim e de estar disposta a entregar e receber algo naquele espaço.

2 R.: eu me recordo dos exercícios de massagem coletiva, de improvisação, de caminhar pelo espaço sendo guiada por outra participante e as danças intuitivas. O que ficou em minha memória foi esse em que dividimos duplas e uma das pessoas permanecia de olhos fechados enquanto a outra a guiava pela área externa do espaço.

3 R.: dançar com mulheres foi um processo de entrega, confiança e de cura. Minhas lembranças me remetem a um lugar seguro e confortável pra meu corpo se movimentar.

4 R.: eu gostei mais da prática de massagem, naqueles momentos eu sentia a materialização da palavra cuidado. Sempre que acontecia essa prática eu me emocionava. Eu acredito muito que nosso corpo somatiza muitas emoções e nem sempre temos a consciência de qual lugar do corpo aquela emoção se cristaliza, então com o toque e o cuidado nessas regiões contribuíram para que essas tensões fossem diluídas e liberadas.

- **Roseli do Nascimento Araújo, mulher negra, 22 anos, estudante, residente no Quilombo Lages dos Negros**

1 R.: Pra mim foi uma experiência muito boa participar do projeto corpo território, houve uma grande troca de conhecimento, onde mulheres quilombolas puderam se expressar através da dança.

2 R.: Me recordo de alguns exercícios não me lembro por nome, mais que o ficou na minha memória foi o fez-se um círculo e entrava 2 pessoas no meio para olhar bem dentro do olho dos demais participantes.

3 R.: Foi uma experiência muito Boa e muito produtiva dançar entre mulheres como quilombola, me orgulhei muito, pois nunca havia participado de evento assim, foi muito bom ver todo mundo feliz e sorrindo e fazendo os exercícios com muito prazer.

4 R.: A prática que eu gostei mais foi de caminhar na terra e sentir, porque a gente anda todos os dias mais nunca tinha parado para sentir as energias boas que a mesma pode nos proporcionar, a partir deste dia passei a olhar as coisas de um jeito diferente.

4 R.: Reisado na minha comunidade é cultura, é vida, é tradição, quando chega o mês de janeiro todo mundo já fica na expectativa da pra ver a felicidade no rosto das pessoas todas animadas participando dançando e cantando e a comunidade no geral ajuda bastante contribui com alimentos e dinheiro da forma que cada um pode para trabalhar o fortalecimento da cultura pra ajudar na compra e vestimentas etc. espero que essas tradições nunca se acabe por aqui que esse quilombo valorize ainda mais suas culturas.

- **Luisa Cavalcanti Albuquerque, mulher branca, 31 anos, ArteEducadora, Performer e Dragqueen, residente em Salvador**

1 R.: Participar do corpo território foi uma experiência sensível e simbólica muito potente. Despertar pro sensível do meu corpo e agir/mover sentindo também o sensível de outras corpos mulheres foi muito muito inspirador. A sensação de poder fazer parte disso e ser tão bem acolhida por você, gerou em mim uma imagem interior de micro-revoluções. Sinto que algo se rompeu, como se um portal se abrisse. O que mais me marcou nesse sentido de "portal" foi a insistência em se permitir e encontrar o prazer tanto em cuidar como em ser cuidada. Me fez muito muito bem.

2.R.: Ficou na minha memória aquele exercício da confiança que uma ficava no meio da roda de olhos fechados enquanto as outras amparavam.

3 R.: Gostei muuuuito de um exercício que não lembro direito na memória as orientações. Acho que era um exercício de composição em que a gente ia definindo, num papel mesmo, algumas qualidades/características De movimento e/ou palavras e em seguida improvisava essas características.

4 R.: Dançar entre mulheres é basicamente o que amo fazer. As vezes, o lugar da interação do olhar, da cumplicidade me enche por dentro de muita muita gratidão, as vezes me faz morrer de vergonha e me perguntar "o qq eu to fazendo ali".

Ah!! O exercício de dançar fixando o olhar na outra companheira tb foi muuuuito bom

5 R.: Eu gostei muito da oficina como um todo. Mas o toque/a massagem me despertaram lugares muito bonitos. Acho q o fato de ser a unica mulher branca da oficina fez com que eu não soubesse como agir em determinados momentos. Mas ter a possibilidade de trocar energeticamente fez com que eu me tranquilizasse e acessasse um lugar de cura muito profundo... em que a lógica da fala, a construção narrativa lógica, não fazia tanto sentido pq eu já havia alcançado outras compreensões da ordem do sensível. sem duvida, aquelas massagens eram curas de muito muito tempo. Poder me sentir curando tanto em mim qnt em outras corpos foi uma sensação de satisfação que eu não sei nem nominar

- **Uyara Nayri Batista de Almeida, mulher negra, 25 anos, estudante, residente em Salvador**

1. R.: Um exercício único de reconexão com o meu corpo a partir da perspectiva de contato com o chão, com a terra, com o território. Ele me trouxe um sentimento de cuidado entre as mulheres que eu sentia falta no dia a dia. Ele mudou a minha perspectiva sobre a dança e o contato com o chão. Antes do corpo território eu pensava na dança como expressão de sentimentos, através do movimento, mas o exercício de sentir e estar em contato direto com o chão buscando compreender o que esse contato me proporciona para depois expressá-lo na dança, foi algo inteiramente novo para mim.

2 R.: O exercício de dançar sentindo o chão, sentido o corpo em contato com o chão, de olhar outras mulheres e dançar, de dançar em pares e em grupo, de cuidarmos umas das outras utilizando de técnicas como a massagem. Deescrevermos e lermos poesia, de caminhar de olhos fechados confiando umas nas outras, de dançar apenas por dançar e de sentir o que a música, o chão, os pássaros, o som dos carros, a companhia, e depois poder expressar tudo isso através da dança.

3 R.: Incrível. Senti como se estivesse em uma rede de afeto, de aquilombamento. Senti que podia confiar. Que ali, umas confiavam nas outras. E era fácil dançar assim.

4 R.:? Eu adorei as atividades de dança intuitiva, de poder sentir a música e expressar o corpo. Adorei também a prática da massagem, o cuidado e a atenção que cada uma das mulheres tiveram entre si e o cuidado que eu também tive. Caminhar na terra é uma das coisas que eu mais gosto. Sentir o contato da minha pele com o chão e descalça me passa um sentimento de reconexão. E eu escrevo porque preciso materializar as ideias. Escrevo para que se torne real. Escrever sempre me mobiliza muito e eu também adorei esta atividade.

- **Jaqueline Ferreira, mulher negra, 24 anos, estudante, residente em Salvador**

1 R.: Um privilégio, gostaria que mais mulheres negras tivessem a oportunidade, o projeto vai além de uma oficina, ele meche com nosso corpo, intelecto, abre espaço para a intimidade, a nossa sensualidade e ao mesmo tempo a nossa potência, ancestralidade, ele consegue alcançar um lugar muito pessoal e delicado.

2 R.: Nomenclaturas não lembro, porém tem vários que me vem a memória, como o que soltava o corpo, outro que massageávamos umas as outras. Agora o que maior ficou foi um sobre confiança, que tínhamos que deixar nosso corpo cair de olhos

fechados, logo teríamos que confiar nas outras mulheres que estavam em círculo ao redor .

3 R.:no início um pouco de receio, mais logo em seguida a sensação é de liberdade, sem regras, sem o julgamento, foi muito gostoso

4 R.:Caminhar na terra, dança intuitivamente e massagem.

- **Mariana dos Santos Souza, mulher negra, 21 anos, estudante, residente em Salvador**

Participar do Projeto CorpoTerritorio foi, como já sugere o título, desbravar os mais longínquos lugares do meu corpo e espírito, permitiu que me alegrasse e me espantasse, conhecendo o melhor e o pior de mim.

Fiz um exercício em que, deitada no chão, deveria relaxar a cabeça e deixá-la totalmente sobre as mãos de uma outra colega, que estava sentada no chão, atrás de mim, e iria movimentar a cabeça, fazendo movimentos relaxantes... Esse movimento foi muito simbólicos pra mim, porque me lembro que não conseguia relaxar a cabeça sobre as mãos de outra pessoa, não consegui deixar soltar o peso. Isso reflete meus conflitos pessoais e me fez aprender sobre mim.

Foi, antes de tudo, um grande alento. Me senti segura, me senti à vontade com meu corpo, com meu jeito de movimentar, com meu cheiro... Foi libertador, divertido, feliz, alegre, foi retornar para avançar.

Eu gostava de massagens!! Hahaha Descobri o que é a tensão e acho que consegui relaxar o corpo de verdade, pela primeira vez em toda a minha vida. Amei e pratico muito, ainda hoje, as auto-massagens, isso foi revolucionário pra mim. Me lembro de Candai falar "como tarefa de casa, vocês devem fazer tantos minutos de auto-massagem". É paradoxal termos que considerar o bem-viver também uma tarefa, porque seguimos descuidando de nós mesmos na rotina.

- **Iracema, mulher negra, 35 anos, estudante, residente em Salvador**

1 R.:Foi um período que teve um grande significado em minha vida. A entrega do meu corpo para o outro sempre foi um tabu. Minha constituição quanto ser humano é atravessado por vivências única por ser uma mulher preta, periférica, lésbica e com deficiência. Costumo afirmar que talvez tenha sido minha única entrega de verdade. Sinto uma extrema necessidade de praticar os exercícios (toques na minha pele com os dedos) quando a ansiedade e a tristeza ultrapassam os limites suportáveis. As músicas que foram tocadas fazem parte da minha play list durante os estudos acadêmicos.

2 R.: Toques com as pontas dos dedos e as massagens com as mãos ainda pratico com os meus. E apesar de não ter uma flexibilidade articular nos dedos e nem nos punhos, todos que receberam a massagem adoraram.

3 R.: Desde a adolescência que não me permitia dançar em público. Além disso, nunca havia dançado atenta a minha respiração. Posso afirmar que entrei em êxtase. Sentia as mulheres comigo, porém não me sentia. Apesar de ter noção de espaço através do corpo da outra pessoa, sentia que meu corpo era também o corpo delas. Eramos 1 só corpo, apesar da independência dos movimentos, havia uma interdependência se assim puder afirmar.

4 R.: O toque, as massagens e a dança despertaram um certo cuidado comigo e um olhar atento para o outro (mais íntimos).
Acredito que se esse momento houvesse chegado em minha vida durante a adolescência, talvez eu tivesse mudado o rumo da minha história. Gratidão a disponibilidade, gratidão a entrega, gratidão a Candai e a todas que fizeram daquele momento ÚNICO nos meus 36 anos.

- **Lavínia, mulher negra, 23 anos, auxiliar de cartório, residente em Salvador**

1 R.: Bom, de início eu senti um misto de empolgação, curiosidade e um pouco de timidez. Gosto muito de dança, movimentar o corpo faz com que eu me sinta viva, ao passo que quando passo um tempo "parada" e adentro espaços de alguma movimentação, me sinto retraída até conseguir retomar o meu ritmo. Então o primeiro momento foi de observar e tentar acompanhar, enquanto nos encontros seguintes eu me lancei nas propostas e foi incrível. Adorei construir aqueles momentos junto com mulheres que estavam dispostas a se lançar também, ainda entendendo algumas próprias limitações.

2 R.: Eu me recordo muito da atividade em dupla em que uma de nós ficava de olhos fechados e era guiada pelo espaço em que a oficina aconteceu, gostei muito. Aquilo ativou a minha territorialidade, a atenção ao espaço que eu ocupo e divido e me fez pensar em como muitas vezes não nos atentamos a tudo que nos rodeia. Ali a gente sentia o chão sem ver, ouvíamos vozes das outras mulheres que faziam a mesma atividade e apesar de estarmos de olhos fechados, pude sentir que haviam outras no mesmo movimento que eu e que havia uma mulher me guiando, que eu podia e precisava confiar nela.

3 R.: E junto a esse, a outra atividade que me mobilizou muito foi a de massagear e ser massageada pelas mulheres que estavam presentes. No exercício, precisávamos colocar intenção no que estávamos fazendo e tocar o corpo da outra com cuidado, de forma a perceber que tipo de marca estaríamos deixando ali. Perceber em mim e na outra mulher o que cada lugar do corpo pedia e sentia foi muito importante também e me fez estar mais atenta ao meu corpo e aos corpos que me rodeiam.

3 R.: Libertador! Porque não era só o dançar, era sentir onde estávamos e explorar os espaços possíveis, era tentar expandir o que estávamos sentindo e sendo ali.

4 R.: As práticas que mais gostei foram as de caminhar na terra e as de massagem/toque porque trabalhavam a relação de cuidado e atenção com o outro e com o espaço em que estávamos

- **Hilta Costa Araújo, mulher negra, 59 anos, educadora, residente no Quilombo Lages dos Negros (transcrição de áudio)**

1 R.: Participar do projeto corpo e movimento, acho que não só eu, mas todas as mulheres aqui devem ter gostado, porque foi uma experiência nova e nós não temos esse privilégio de ter esse tipo de manifestação de trabalho aqui na comunidade, então a gente leva a vida nessa rotina de roça, casa e trabalho, mas essa parte de dançar, não temos e está fazendo falta. Acredito que foi muito bom o projeto, foi uma

semente plantada, se tivesse como cultivar e fazer crescer, íamos ajudar muitas mulheres aqui na comunidade.

2 R.: Quanto aos exercícios, todos foram bons, mas teve aquele do contato, que uma pessoa no meio do círculo e os outros fazendo o mesmo movimento de cima para baixo como se fosse uma chuva, que na verdade foi uma chuva de graças mesmo, que caía na gente, porque quem teve a experiência, foi fantástico. Foram várias formas de trabalhar com a mulher, descontraídas, deitadas, pé com pé formando a mandala, acho que foi coisa nova. Todos os exercícios foram exemplares, na minha concepção, foi tudo muito bom.

3 R.: Dançar entre mulheres é fantástico, a mulher quando tem a oportunidade, se solta mesmo e essas mulheres daqui são fogosas. Lembro quando tinha as rodas de forró, os sambas de pé, as mulheres sempre tinham destaque. Então, dançar entre as mulheres foi uma coisa muito boa, de mulher pra mulher com certeza não tinha nada pra dar errado não. Nós encontrando um grupo como esse, com mulheres muito ativas é melhor ainda. Tenho boas lembranças.

4 R.: A prática que mais gostei foi a prática de dançar mesmo, botar o corpo e movimentar e perceber que o nosso corpo tem muito mais utilidade do que a gente imagina, né? Nosso corpo fala sem necessariamente ser apenas a boca e outros sentidos, mas sim através dos movimentos. Então, todas as práticas foram interessantes, os exercícios foram todos interessantes. O que a gente mais precisaria era ter uma continuidade uma segunda chance, segunda etapa pra que pudessemos aproveitar mais e quem sabe soltar essas mulheres que se tem presas dentro de si, que hoje em dia não dançam mais e não cantam mais, as músicas já não dizem mais nada com a sua própria realidade, não muita coisa que a maioria dessas mulheres são mulheres maduras, né? Na verdade, diante do nosso cotidiano elas estão ficando mais no cantinho, porque nossa música hoje não fala tanto o quanto que a gente se integra, na verdade, mas foi muito bom, as práticas foram todas muito boas. Tanto as massagens, o toque e a dança, uma que me marcou muito foi o caminhar na terra com os olhos vendados sendo guiado por outra pessoa, eu participei dessa prática lá na Comunidade de Pacuí, nossa senhora, eu não esqueço nunca aquela experiência, a gente é guiado por outra pessoa a ter o contato com o chão, a confiança no outro, tudo foi muito interessante. Foram vivências, na verdade é um grande aprendizado. Quero agradecer a Candai por isso, por ter dado essa oportunidade e dizer que estamos aqui ansiosos para ter uma nova oportunidade. Tomara que acabe logo essa covid 19 pra quem sabe outros projetos a gente também voltar a participar.

5 R.: O Reisado aqui na nossa comunidade, pra mim é uma manifestação cultural muito boa porque integra as gerações, quando tem Reisado nas comunidades, todo mundo participa, grande pequeno, velho, moço, então é uma coisa assim que contagia, na verdade. A manifestação do Reisado aqui pra nós é uma manifestação cultural muito ativa, que nos últimos dois anos não está tendo, mas que sentimos

muitas saudades, então também não é só uma forma de dançar, mas principalmente da gente estar compartilhando momentos, vivenciando vidas, enfim. O Reisado é uma marca muito forte aqui no nosso meio e com certeza a comunidade toda gosta e todo mundo é apaixonado pelo Reisado.

Oi Candai, me desculpe, não sei se respondi o que você queria, mas qualquer coisa. Até porque já esqueci um monte de coisa depois daquele dia. Há mais de um ano que a gente não se vê né, já botou um bocado de coisa em cima dessa fita, mas ainda tem essas grandes recordações, viu minha linda. Que dê certo pra você, se depender de mim e se achar que eu posso ajudar, pode entrar em contato, tá? Beijo